

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A LEITURA NAS CLASSES POPULARES:
UMA INVESTIGAÇÃO NA 5ª SÉRIE
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Tatiana Anflor

Dr. Vera Teixeira de Aguiar
Orientadora

Porto Alegre
2006

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A LEITURA NAS CLASSES POPULARES:
UMA INVESTIGAÇÃO NA 5ª SÉRIE
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Tatiana Anflor

Dr. Vera Teixeira de Aguiar
Orientadora

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras, na área de concentração de Teoria da Literatura

Data da defesa: 05/01/2007

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, dezembro de 2006

Aos meus sobrinhos, Andressa, Aléxia e Patricky, pelo tempo de convívio roubado, utilizado na execução deste trabalho.

À minha mãe, pelo incentivo sempre vindo nas horas certas.

À memória de meu pai, em cujo colo descobri o encantamento de ouvir histórias.

Agradeço

aos alunos da turma 52 da Escola Visconde do Rio Grande, pela atenção durante a entrevista que compõe esse trabalho;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, a CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual esse trabalho não teria sido possível;

à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela acolhida; aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que sempre foram além das expectativas; aos colegas, pela convivência sempre tão enriquecedora; aos companheiros do CLIC, pelo espírito de parceria; aos funcionários, pelo apoio necessário ao bom andamento dos trabalhos e, especialmente, à Mara e à Isabel, por sempre estarem dispostas a ajudar quando necessário;

à minha orientadora, Vera Teixeira de Aguiar, pela ajuda e dedicação que facilitaram essa caminhada;

às minhas irmãs Nadiejna, pelo incentivo constante, e Marli, pela confiança e ajuda; à minha dinda, onde estiver, por sempre ter acreditado em mim.

Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanharem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem em perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir a ameaça do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretendo esse prazer até que ele se faça um dever, fundindo esse dever na gratuidade de toda aprendizagem cultural, e fazendo com que encontrem eles mesmos o prazer nessa gratuidade.

Daniel Pennac

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo constituído de uma parte teórica e de uma prática que traça o perfil leitor de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, pertencentes a classes populares. A primeira parte diz respeito ao referencial teórico, que abrange conhecimentos referentes à sociologia da leitura, à teoria da literatura e à pedagogia; a segunda é composta por uma entrevista com alunos de 5ª série e, após, pela análise das respostas obtidas com base nas teorias utilizadas como pressupostos do estudo. Os resultados alcançados permitem que constatemos a importância de um empenho no sentido de proporcionar experiências que levem nossas crianças a “escrever” a sua própria história de leitura, transformando o quadro constatado de pouco convívio das classes populares com as obras literárias.

Palavras-chave: interesses de leitura, leitura e classes sociais, leitura e escola

RESUMEN

Este ensayo presenta un estudio diagnóstico compuesto de una parte teórica y de una práctica que traza el perfil lector de alumnos de la 5ª serie de la Instrucción Fundamental, pertenecientes a las clases populares. La primera parte es basada en estudios que comprenden la sociología de la lectura, la teoría de la lectura y la pedagogía; la segunda es compuesta por una entrevista con alumnos de la 5ª serie y, después, por el análisis de las respuestas obtenidas con base en las teorías utilizadas como presupuestos del estudio. Los resultados alcanzados permiten la constatación de la importancia del empeño en el sentido de proporcionar experiencias que lleven nuestros niños a “escribir” su propia historia de lectura, combinado el cuadro constatado de poca familiaridad de las clases populares con las obras de la literatura.

Palabras-llave: interés de lectura, lectura y clases sociales, lectura y escuela

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 SOBRE A LEITURA.....	14
1.1 Ato de ler	14
1.2 Leitura e sociedade.....	29
1.3 Histórias de leitura	41
1.4 Interesses de leitura.....	59
1.5 Escola e leitura literária.....	64
1.6 Uma experiência de formação leitora nas classes populares	67
2 SOBRE A PESQUISA.....	72
2.1 Tipo de pesquisa.....	72
2.2 Universo e <i>corpus</i>	74
2.3 Instrumento de pesquisa.....	75
2.4 Processo de pesquisa	76
3 SOBRE OS DADOS LEVANTADOS.....	78
3.1 Histórias de leitura	79
3.2 Interesses de leitura.....	83
3.3 Comportamentos de leitor	87

4 SOBRE OS LEITORES.....	91
4.1 Perfil dos leitores.....	91
4.2 Imagens de leitura	103
4.3 Papel da escola	110
CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	123
APÊNCIDE: Roteiro da entrevista.....	127
ANEXO: Respostas dos alunos.....	129

INTRODUÇÃO

Muito ouvimos sobre a importância do ato de ler, entretanto, ainda são poucas as ações nesse sentido, ficando aquém das necessidades, sobretudo quando os leitores em questão são indivíduos que pertencem a camadas menos favorecidas da população. Optamos por um enfoque sociológico para esse trabalho porque acreditamos que a leitura é, entre outras coisas, um ato social que tanto pode ser instrumento de opressão, quanto de libertação; de opressão porque, ao ser privado do contato com o universo da leitura, o ser torna-se vítima da tirania de sua própria falta de preparo, vivendo em uma sociedade na qual a educação e o acúmulo de conhecimentos são elementos de superioridade e de demonstração de poder. Entretanto, a leitura pode servir como fator de libertação, se houver um empenho no sentido de aproximar os indivíduos pertencentes às camadas mais baixas da sociedade dessa cultura, com a qual eles não têm familiaridade.

É importante que deixemos claro que, por falarmos em dominadores e dominados, não pretendemos transformar o debate acerca da leitura em uma discussão maniqueísta, segundo a qual o mundo se divide somente entre essas duas categorias. Embora essas expressões sejam utilizadas no decorrer da dissertação, sabemos que a situação é bem mais complexa do que isso. Ao optarmos por um

determinado enfoque, tivemos de abrir mão de outros. Acreditamos na relevância de falarmos em termos de dominadores e dominados, não pela clássica visão marxista que divide a sociedade entre capitalistas e proletários, visão essa que, embora possua o seu valor, não deixa de ser maniqueísta, mas principalmente porque cremos que possa haver dominação em lugares onde menos esperamos. Podemos exemplificar dizendo que alguém que pretenda “tirar vantagem” de alguma situação, ludibriando outra pessoa, poderá aproveitar-se justamente daquele que tiver menos “poder” de fazer um juízo crítico da situação, ou seja, de “ler” satisfatoriamente a realidade, configurando, assim, uma relação entre alguém que domina e alguém que é dominado.

Após os esclarecimentos iniciais, cabe-nos falar sobre o desenvolvimento do trabalho propriamente dito. Trata-se de uma pesquisa que pretende desenvolver um estudo diagnóstico constituído de uma parte teórica e de uma prática. O tema pesquisado é a leitura, através de um estudo de campo sobre o perfil de leitores dos alunos da 5ª série, pertencentes a classes populares. Para isso, investigamos a situação desses jovens quanto às suas histórias e interesses de leitura, bem como dos comportamentos de leitor. A coleta de dados ocorre por meio de um roteiro de perguntas que é aplicado nos alunos através de uma entrevista. Sabemos que a leitura não pode ser abordada somente pelo ponto de vista social e que o fator econômico não é o único que determina a sua falta. Entretanto, escolhemos essa abordagem por entendermos que seria mais próxima da nossa realidade profissional e, portanto, a

mais produtiva, já que realizamos, durante algum tempo, trabalho com oficinas literárias em comunidades carentes.

Nosso trabalho estrutura-se em quatro capítulos, sendo o primeiro, intitulado “Sobre a leitura”, referente aos pressupostos teóricos que servem de base para a análise dos dados obtidos. Esse momento inicial subdivide-se em seis partes que dão uma visão geral da leitura dentro do que interessa à pesquisa. Inicialmente são abordadas questões relativas ao ato de ler, com o objetivo de refletir sobre essa ação. Em seguida, passamos a uma abordagem social da leitura, que visa situar o lugar ocupado pelos indivíduos de classes socioeconômicas menos favorecidas nesse contexto. Logo após, analisamos a importância das histórias de leitura na formação do sujeito, utilizando-nos, para isso, de uma tese de doutorado que trata do assunto, bem como de depoimentos de autores e de personagens de obras literárias, sobre a importância da leitura no desenvolvimento pleno dos indivíduos, tratando, logo em seguida, da questão dos interesses de leitura. Na seqüência, abordamos a leitura literária na escola, mostrando um pouco da trajetória da literatura infantil em nosso País e sua relação com o ensino. Finalmente, apresentamos uma experiência de inclusão leitora realizada em uma vila de Porto Alegre, com a intenção de mostrar que há alternativas de saída para resolver a falta de leitura nas classes populares.

O segundo capítulo, “Sobre a pesquisa”, trata de esclarecer acerca da metodologia utilizada no trabalho, mostrando o tipo de pesquisa, o universo e o *corpus* analisado, falando sobre o instrumento de pesquisa, assim como de seu processo de

execução. Pretendemos, com essas informações, instruir sobre a forma pela qual são conduzidas as investigações e como utilizamos as questões tratadas até então. Os dados obtidos são descritos no capítulo terceiro, cujo título é “Sobre os dados levantados”, sendo organizadas as informações colhidas entre histórias de leitura, interesses de leitura e comportamentos de leitor. Esses dois momentos intermediários do relato da pesquisa tratam de descrições que intentam apenas facilitar a compreensão da metodologia utilizada e dar a conhecer a voz dos entrevistados.

Finalmente, o quarto capítulo, “Sobre os leitores”, dá conta de analisar os dados descritos no momento anterior do trabalho, sendo dividido em três partes. Na primeira traçamos o perfil dos leitores investigados; na segunda, analisamos as imagens de leitura das crianças; e, para concluir, abordamos o papel da escola na formação leitora dos alunos entrevistados. Após tudo isso, concluimos sobre as verificações feitas ao analisarmos os dados levantados, finalizando, assim, a pesquisa. O roteiro da entrevista poderá ser consultado no apêndice e, em anexo, encontram-se as respostas dos alunos. Partiremos, então, para o início do trabalho.

1 SOBRE A LEITURA

1.1 Ato de ler

A questão da leitura vem sendo discutida e encarada, ao longo dos séculos, de diferentes formas. Platão (428-347 a.C.), em seu célebre diálogo *Fedro*, mostra-nos uma forma negativa de encarar essa atividade, através de um mito contado por Sócrates a seu interlocutor, personagem que dá título ao texto:

Bem, ouvi dizer que na região de Náucratis, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada íbis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita. Naquele tempo governava todo o Egito, Tamuz, que residia no sul do país, na grande cidade que os egípcios chamam Tebas do Egito, e a esse deus davam o nome de Amon . Thoth foi ter com ele e mostrou-lhe as suas artes, dizendo que elas deviam ser ensinadas aos egípcios. Mas o outro quis saber a utilidade de cada uma, e enquanto o inventor explicava, ele censurava ou elogiava, conforme essas artes lhe pareciam boas ou más. Dizem que Tamuz fez a Thoth diversas exposições sobre cada arte, condenações ou louvores cuja menção seria por demais extensa. Quando chegaram à escrita, disse Thoth: “Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria.” Responde Tamuz: “Grande artista Thoth! Não é a mesma coisa inventar uma arte e julgar da utilidade ou prejuízo que advirá aos que a exercerem. Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. Transmites aos teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade, pois eles recebem muitas informações sem instrução e

se consideram homens de grande saber, embora sejam ignorantes na maior parte dos assuntos. Em conseqüência, serão desagradáveis companheiros, tornar-se-ão sábios imaginários ao invés de verdadeiros sábios.” (PLATÃO, 2005, p. 118-119)

Em *A república* (2002), esse pensador fala da literatura, assim como de todos os gêneros artísticos, como algo condenável por seu caráter enganador, estando a três passos da realidade, já que a arte copia aquilo que é a imitação do mundo das idéias. Platão rejeita a arte poética por acreditar que esse tipo de obra leve à destruição da inteligência do indivíduo, pois a poesia não revela as coisas como são, mas, como num espelho, mostra somente a aparência. Entretanto, a arte, e a literatura por extensão, são aceitáveis para esse pensador quando possuírem um enfoque educativo, transmitindo valores nobres àqueles que a apreciam.

Arthur Schopenhauer também via o ato de ler com certa desconfiança, o que ficou demonstrado em sua obra *Sobre livros e leitura*:

Quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos seu processo mental. Trata-se de um caso semelhante ao do aluno que, ao aprender a escrever, traça com a pena as linhas que o professor fez com o lápis. Portanto, o trabalho de pensar nos é, em grande parte, negado quando lemos. Daí o alívio que sentimos quando passamos da ocupação com nossos próprios pensamentos à leitura. Durante a leitura nossa cabeça é apenas o campo de batalha de pensamentos alheios. Quando estes, finalmente, se retiram, que resta? Daí se segue que aquele que lê muito e quase o dia inteiro, e que nos intervalos se entretém com passatempos triviais, perde, paulatinamente, a capacidade de pensar por conta própria, como quem sempre anda a cavalo acaba esquecendo como se anda a pé. Este, no entanto, é o caso de muitos eruditos: leram até ficar estúpidos (...). (SCHOPENHAUER, 1993, p. 17)

Entretanto, mais adiante no texto, o filósofo apresenta-nos a possibilidade daquilo a que ele chamou de “ruminação” como uma forma de leitura mais crítica:

(...) e só com ela é que nos apropriamos do que lemos, da mesma forma que a comida não nos nutre pelo comer mas pela digestão. Se lemos continuamente sem pensar depois no que foi lido, a coisa não se enraíza e a maioria se perde. Em geral não acontece com a alimentação do espírito outra coisa que com a do corpo: nem a quinquagésima parte do que se come é assimilado, o resto desaparece pela evaporação, pela respiração ou de outro modo. (Idem, p. 21)

Pensando em termos mais atuais, podemos traçar um paralelo entre as idéias desse pensador e as de alguns estudiosos contemporâneos que defendem a leitura como uma apropriação crítica e apreensão das idéias e não simplesmente como um aprendizado mecânico ou capitalização de conhecimentos. Ezequiel Theodoro da Silva (1997), em sua obra *Leitura e realidade brasileira*, comenta a possibilidade de a leitura transformar-se em uma atividade alienante, dizendo que “os processos de leitura, caso desprezem o pensamento e a reflexão, podem constituir-se em mecanismos de passividade ou *voyeurismo* dentro de uma sociedade alienada e alienante, regida pela tecnocracia produtivista e consumista.” (p. 20) A leitura, assim como o trabalho, pode dignificar tanto quanto pode reificar o homem, realizando-o ou alienando-o. Ela se torna realizadora sempre que contribuir dialeticamente para o processo de ampliação da visão de mundo do indivíduo, confrontando de forma crítica suas experiências de vida e alargando suas possibilidades de realização pessoal.

Na passagem a seguir, Schopenhauer demonstra uma certa noção da importância da visão de mundo e das experiências pessoais na leitura, o que foi amplamente defendido por Paulo Freire anos depois, centrando-se, contudo, no texto escrito:

Acrescente-se a tudo isso que os pensamentos postos no papel nada mais são que pegadas de um caminhante na areia: vemos o caminho que percorreu, mas para sabermos o que ele viu nesse caminho, precisamos usar nossos próprios olhos. (Idem, p. 21)

Em um sentido freireano, a leitura pode ser definida, de modo mais amplo, como um ato “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2005, p. 11). Ambas, a leitura do mundo e a leitura das palavras, aprimoram-se mutuamente: quanto maior a capacidade de compreensão do mundo, maior o entendimento dos textos e vice-versa.

Consideramos de extrema relevância a mudança ocorrida entre as épocas em que Platão escreveu a sua obra e, posteriormente, Schopenhauer defendeu seu ponto de vista sobre a leitura em comparação com as idéias sobre esse tema defendidas na atualidade. Nos dois primeiros momentos fica claro que não há abrangência na visão do ato de ler. Para os dois pensadores inicialmente citados, ler significa decodificar um determinado texto. Ainda que Schopenhauer mencione a necessidade de utilizarmos “nossos próprios olhos”, sugerindo que, por meio de nossa forma de ver, entendemos o texto, em nenhum momento refere-se a algo que sugira uma possível leitura do mundo, como ocorre com Paulo Freire, que defende a idéia de que lemos tudo a nossa volta, ou seja, lemos o mundo. Embora para Schopenhauer a visão de mundo ou, em suas palavras, “nossos próprios olhos”, sejam importantes

para a leitura que fazemos, essa só acontecerá com o uso de textos, enquanto para Paulo Freire lemos tudo que nos rodeia.

Outra mudança considerável na forma de conceber a leitura refere-se ao fato de, hoje, ela não ser mais considerada apenas como um ato racional. Em seu livro *O que é leitura*, Maria Helena Martins (1982) menciona a importância dos sentidos e das emoções, ao lado da razão, em nossas relações com os livros. Segundo a autora, esses aspectos remetem a questões existenciais, conduzindo o sujeito à fantasia, à reflexão e ao conhecimento de sua própria realidade. Cabe salientar que essa realidade tanto pode ser subjetiva, referindo-se a questões de ordem interior, ou seja, questões individuais, quanto pode ser objetiva, aludindo a temas de caráter mais social e, portanto, coletivo. Para o leitor, não importa o funcionamento do ato de ler com o emaranhado de inter-relações que se estabelecem. Ainda assim, qualquer leitor atento poderá perceber facilmente três níveis fundamentais de leitura: sensorial, emocional e racional. Cada um corresponde a uma forma de avizinhação ao objeto lido. Entretanto, eles não acontecem separadamente, já que a leitura é uma atividade dinâmica e circunstanciada. Os níveis referidos se inter-relacionam de maneira simultânea, ainda que um ou outro seja privilegiado. Tal vantagem eventual desse ou daquele nível sobre os outros se deve às experiências, às expectativas, às necessidades e aos interesses do leitor, bem como às condições do contexto geral em que ele se firma.

Ao relatar a sua formação leitora, em *A importância do ato de ler*, Paulo Freire demonstra como os sentidos e a emoção antecedem a razão na leitura. Da mesma

forma que a criança começa a perceber o mundo pelos sentidos, assim também ela inicia sua percepção sobre o livro. Simultaneamente com a leitura sensorial do mundo (e dos livros) vamos apreendendo o nosso entorno, também, pelas emoções, conforme nos mostram as lembranças de Paulo Freire. Nas passagens abaixo podemos perceber claramente como sensações e sentimentos se entrelaçam de forma sincrônica fazendo com que não possamos dizer qual deles é o mais importante no ato de ler, nesse caso, o mundo:

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia — e até onde não sou traído pela memória —, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (...)

Daquele contexto — o do meu mundo imediato — fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar. (...)

Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, nas manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites.

Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo. (FREIRE, p. 12-13-14-15)

No primeiro parágrafo citado podemos constatar a percepção que o menino tem da leitura que os mais velhos fazem do seu “mundo imediato”, o que contribui para o alargamento da sua visão desse mesmo mundo. A relação entre os dois níveis, sensorial e emocional, evidencia-se, nos dois últimos parágrafos citados, pelo fato de, o então menino Paulo associar seus temores infantis com o silêncio sombrio das noites comparado aos ruídos matinais. Com o passar do tempo e com a

experiência de vida adquirida pelo jovem, sua “leitura” da situação se modifica, o que lhe propicia uma confiança maior em seu mundo e, conseqüentemente, em si mesmo. Como podemos notar, ambos os níveis, o das emoções e o das sensações, longe de estabelecerem uma relação de hierarquia, em que um tem maior importância do que o outro, complementam-se e aparecem simultaneamente na leitura de mundo do garoto. O entendimento de que o processo pelo qual passamos ao lermos um livro, por exemplo, é o mesmo percorrido ao estabelecermos as nossas impressões sobre o que nos cerca, isto é, de que lemos os textos da mesma forma pela qual lemos o mundo, fez com que mudássemos a maneira de enxergar o ato de ler.

Essa mudança no modo de encararmos a leitura, que deixa de ser vista como algo simplesmente aprendido, vindo de fora de nós, para se tornar parte de nossa natureza, assim como falar, pensar ou amar, e que leva em consideração a forma interativa com a qual agimos sobre o mundo e ele sobre nós, é muito importante, pois somente conseguiremos pensar em estratégias para formar novos leitores se pudermos compreender como se dá o processo de formação leitora. Muito mais do que simplesmente a ilusão de acumular informações sem significados mais profundos, ler é vivenciar, experimentar e, nesse sentido, lemos desde que nascemos, durante todo o decorrer de nossa vida. Se, por um lado, o sujeito interage com o mundo que o cerca, por outro, há também uma interação entre leitor e objeto de leitura, que se dá de tal modo que, da mesma forma que um texto sempre nos acrescenta algo, nós também sempre “doaremos” um pouco de nós a ele, já que cada indivíduo

fará a sua própria leitura, acrescentando a ela um pouco de suas vivências, de seus medos e de seus anseios.

Essa forma de enxergar o ato de ler é a base de mais uma mudança fundamental ocorrida nos últimos anos referente à forma de encararmos a atitude do leitor, que sempre foi visto como um sujeito passivo que somente recebe da leitura, nada acrescentando a ela. A partir de estudos de teóricos como Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, o leitor passa a desempenhar a função de protagonista no ato da leitura. Para Iser (1979), a obra de arte literária caracteriza-se por apresentar vazios que são preenchidos pelo leitor, ou seja, ao escrever uma obra, o autor, com as ambigüidades peculiares a esse tipo de trabalho, deixa “espaços em branco” que são completados de forma significativa pelos leitores.

Tal fato faz com que os textos possam adquirir um sentido diferente para leitores diferentes. Os vazios seriam uma espécie de suspensão da coerência do texto ou interrupção de suas articulações de seqüência. Dessa forma, a imaginação do leitor é instigada, fazendo com que ele busque em suas vivências elementos que possam completar esses espaços significativos, atribuindo um sentido ao texto. Assim, Wolfgang Iser nos fala de como interagimos com a obra literária para preencher esses vazios. De acordo com essa idéia, o leitor recria o texto, atribuindo-lhe sentidos, através de uma leitura única e pessoal, transformando-se em uma espécie de co-autor da obra.

Tudo isso nos leva a concluir que a leitura é um processo de intercâmbio entre leitor e autor intermediado pelo texto. Como o leitor, nesse processo, não é passivo, mas agente que busca significações, o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis. O autor não domina sozinho o processo de recepção de seu leitor, pois esse reconstrói o texto na sua leitura, atribuindo-lhe a sua significação. É por isso que se pode falar em leituras possíveis e em leitor que possui uma maturidade construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos, para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros e da vida.

Dessa forma, o leitor perde o papel passivo para tornar-se um pouco responsável pelo texto. Tais estudos tentam entender, pois, o efeito da obra sobre o leitor e a sua reação durante a leitura. Ao preencher os vazios da obra, o leitor atribui-lhe significados e, ao mesmo tempo, ao recriá-la, produz sentido para a sua existência. Essas afirmações, certamente, reforçam a idéia, mencionada anteriormente, de que as emoções do leitor têm grande peso no ato de ler: “a leitura provoca reações diversas nos indivíduos(...). Mas ela obedece invariavelmente a um mesmo percurso: o afastamento do cotidiano e o retorno a ele, estando o leitor agora de posse de uma nova experiência, e o prepara melhor para o enfrentamento da experiência existencial.” (ZILBERMAN,2002, p.28)

Ainda considerando a busca pelo significado e, portanto, ainda no terreno emocional, Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas* (1980), de-

monstra a importância das histórias infantis para a formação de uma infância psicologicamente saudável, fazendo o mesmo com relação à adolescência no artigo “Os livros essenciais da nossa vida”. No primeiro, o autor fala da forma pela qual a criança busca solucionar seus medos e anseios através das aventuras vividas pelas personagens dos contos de fadas. No segundo, demonstra que alguns livros, lidos durante a adolescência, fase em que formamos uma identidade, têm o poder de influenciar nossa visão do mundo em que vivemos e de nós mesmos, contribuindo para as nossas realizações futuras, porque os livros que lemos fazem de nós as pessoas que somos. Para Bettelheim, o grande desafio existencial do ser humano é encontrar um significado para a vida:

Se esperamos viver não só cada momento, mas ter uma verdadeira consciência de nossa existência, nossa maior necessidade e mais difícil realização será encontrar um significado em nossas vidas. É bem sabido que muitos perderam o desejo de viver, e pararam de tentá-lo, porque tal significado lhes escapou. Uma compreensão do significado da própria vida não é subitamente adquirida numa certa idade, nem mesmo quando se alcança a maturidade psicológica. Ao contrário, a aquisição de uma compreensão segura do que o significado da própria vida pode ou deveria ser é o que constitui a maturidade psicológica. E esta realização é o resultado final de um longo desenvolvimento: a cada idade buscamos e devemos ser capazes de achar alguma quantidade módica de significado congruente com o “quanto” nossa mente e compreensão já se desenvolveram. (BETTELHEIM, 1980, p.11)

Refletindo sobre essas novas concepções de leitura, podemos perceber que a atribuição de um significado aos textos lidos relaciona-se intimamente com o processo de formação do leitor. Nos últimos anos, a atenção de profissionais da área da educação e de teóricos da literatura tem seguido essa direção, resultando em pesquisas que têm como intuito entender os fatores que fazem com que alguns indivíduos sejam leitores frequentes enquanto outros não se ocupem dessa atividade. Tais

investigações, em vez de centrar-se em interpretações meramente textuais, voltam-se para o papel do leitor em sua interação com o texto. Há muitos estudos, alguns de extrema relevância, que procuram compreender como “nasce” um leitor.

Diana Werkmeister, em sua tese de doutoramento (1993) busca, a partir das histórias de leitura de cada indivíduo, explicar como ocorre o processo de formação leitora. Em seu trabalho, a pesquisadora utiliza-se de um *corpus* composto de entrevistas com dez indivíduos que possuem o hábito de ler com frequência. A autora verificou que, ao contarem suas histórias de leitores, as pessoas emocionavam-se a ponto de embargarem a voz e, até mesmo, de chorarem. Joselaine Sebem de Castro (2004), também em tese de doutoramento, comprovou como os textos de conteúdo emocional permanecem mais na memória do que os textos de conteúdo neutro, acontecendo o mesmo, num determinado texto, com trechos emocionais e trechos neutros. Werkmeister verificou, ainda, que as experiências de leitura dos entrevistados são muito parecidas entre si: “Variam os livros, mas a relação que as pessoas desenvolviam com eles se mostrava constante” (1993). Podemos dizer que é através desses significados encontrados no texto artístico que “escrevemos” a nossa história de leitores. Portanto, parece-nos evidente que qualquer iniciativa no sentido de formar leitores deve levar mais em consideração o aspecto emocional e a importância da busca por um sentido para a vida através dos livros.

Há variados e importantes estudos sobre a leitura no que se refere a interesses, histórias e perfis de leitores considerando o contexto econômico e social dos indivíduos. A tese de doutoramento em Educação de Esméria de Lourdes Saveli,

Leitura na escola: as representações e práticas de professoras, orientada por Ezequiel Theodoro da Silva, da Universidade de Campinas, enfoca as práticas de leitura desenvolvidas por um grupo de professoras de Educação Infantil e do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série numa escola pública do município de Ponta Grossa, Paraná. A pesquisa leva em conta o cotidiano da escola com o objetivo de analisar como a professora compreende e trabalha a leitura, explicando o processo de aprendizagem com base nas situações do cotidiano escolar.

Do mesmo orientador e da mesma universidade há, ainda, a tese de Ana Alcídia de Araújo Moraes, *Histórias de leitura em narrativa de professores: uma alternativa de formação*, que se baseia em três eixos temáticos: leitura, formação de professores e narrativas de formação. O diálogo entre esses três campos temáticos possibilitou a reunião de argumentos nos quais se apóia uma investigação que busca, junto a quatro professoras da cidade de Parintins, dar visibilidade às suas histórias de leitura, procurando reconhecer as práticas e representações de leitura que as fizeram leitoras. Também da Universidade de Campinas, há a dissertação de mestrado de Ellen Cristina Baptistella Grotta, orientada por Sérgio Antônio da Silva Leite, na qual, por meio de entrevistas, a autora investiga a história de vida de quatro pessoas, consideradas boas leitoras.

Da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Ângela Rolla, orientada por Vera Teixeira de Aguiar, traça, em sua tese de doutorado, um perfil de professores leitores, concluindo com uma tipologia desses indivíduos, a partir das respostas dadas a um roteiro de perguntas. A mesma professora orientou, ainda, a dissertação *As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes*

classes sociais, de Diógenes Buenos Aires de Carvalho, que teve como objetivo, investigar o horizonte de leitura de crianças de diferentes classes sociais em contexto escolar, explicando as normas literárias e sociais que compõem as histórias infantis. Com esse objetivo, foi realizada uma pesquisa de campo em duas escolas de Terezina para colher dados de 24 narrativas infantis reproduzidas a partir de textos literários lidos ou conhecidos. Os alunos pesquisados tinham entre 10 e 11 anos.

Adriano Lopes Gomes, da Universidade Federal do Rio Grande Do Norte, defendeu, orientado por Marly Amarilha, a dissertação intitulada *Tudo era uma vez no tempo em que sempre será: o contador de história na perspectiva da formação do leitor*. Nesse trabalho, o pesquisador aborda a contribuição do contador de histórias como um mediador do processo de formação do leitor. Para isso, demonstra procedimentos do ato de contar histórias desde as sociedades ágrafas até os dias atuais, constatando que, após um declínio nessa ocupação, há uma revitalização dessa atividade em salas de espetáculos e ambientes públicos, proporcionando prazer às pessoas. A partir daí, o autor investiga as possibilidades de uso dessa estratégia para formar leitores em sala de aula.

A dissertação *A (de?) formação do leitor*, de Ana Regina Gomes, orientada por Rita de Cássia Pereira dos Santos, da Universidade de Brasília, tem como objetivo geral pesquisar a forma pela qual a escola pública interfere na formação do leitor nos três anos de Ensino Médio, através da aplicação de um questionário dirigido a alunos e professores no intuito de verificar o contexto socioeconômico em que estão inseridos e, principalmente, a realidade das práticas de leitura dentro e fora de sala de aula. Dividida em três partes, a pesquisa discute alguns conceitos

teóricos, caracteriza a amostra a partir dos questionários e diagnostica o aprendizado de literatura/leitura no ensino médio, constatando o nível de leitura dos estudantes da amostra. Dessa forma, a pesquisa investiga como acontece a (de)formação do leitor na escola de nível médio do Distrito Federal.

Angeli Rose do Nascimento, autora da pesquisa *Lição entre amigas: uma travessia de leitores* (apontamentos sobre experiências de leituras), cujos orientadores foram Leandro Konder e Maria Luiza Oswald, analisou experiências de leitura de jovens, alunas do Ensino Médio de uma escola pública situada no Rio de Janeiro, influenciadas, ou não, pelo ensino da Literatura, mostrando que a representação do jovem leitor pode apresentar especificidades em relação ao que ela chama de "leitor ideal". A pesquisa chamada *A formação do gosto pela leitura literária e as histórias de leitura de alunos do ensino médio do CEFET-RS*, de Catarina Maite Macedo Barboza, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que teve como orientadora Alice Therezinha Campos Moreira, investigou, a partir da realização de entrevistas com professores e alunos da CEFET-RS, os fatores responsáveis pela formação leitora dos jovens dessa instituição. Após as entrevistas, os dados foram analisados à luz da sociologia da leitura e da estética da recepção.

Da Universidade de São Paulo, há a pesquisa *O professor de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental como mediador entre o aluno e a leitura: estudo realizado no município de Porto Velho*, de autoria de Gisele de Araújo Gouvêa Estácio, orientada por Maria Regina Maluf. Esse estudo centrou-se no papel do professor como mediador entre o aluno e a leitura. O corpus constituiu-se de 37 professores de 3ª e 4ª séries de oito escolas da rede municipal de ensino de Porto Velho. Através de um

questionário, a pesquisadora verificou a formação inicial dos professores, o tempo de experiência docente, o trabalho no âmbito da leitura em sala de aula, a importância da utilização de biblioteca no incentivo à leitura e a condição de leitor do professor.

Além de pesquisas acadêmicas, podemos encontrar vários livros publicados sobre o assunto. Ezequiel Theodoro da Silva publicou, entre outros, *Leitura e realidade brasileira*. Nesse livro o autor analisa criticamente a situação da leitura no Brasil. Em *O ato de ler*, do mesmo autor, é feita uma investigação da leitura com fundamentos psicológicos e filosóficos. A obra *Que livro indicar? Interesses do jovem leitor*, de Vera Teixeira de Aguiar, parte de uma pesquisa que investiga, em oito escolas de Porto Alegre, o interesse de leitura de jovens do ensino fundamental. Para isso, leva em conta a série, a idade, o sexo e o nível socioeconômico desses alunos.

Todos esses estudos, que situam o indivíduo em uma posição privilegiada no processo de formação leitora, que levam em conta o seu ponto de vista frente ao mundo em que vive, bem como suas experiências, temores e anseios, são de extrema importância no sentido de contribuir para essa nova forma de conceber os estudos literários, fazendo com que o foco não permaneça somente no texto, mas que o receptor também veja reconhecida a sua importância dentro da história, passando de mero espectador a co-autor da obra.

1.2 Leitura e sociedade

Essa transformação na maneira de ver a leitura e o crescente interesse pela área, ocorridos no decorrer da história, só podem contribuir para formar, cada vez mais, melhores leitores. Há, no entanto, uma questão conjuntural importante. Crianças que pertençam a diferentes classes sociais não terão o mesmo ensejo de contato com a leitura e, portanto, estarão privadas dessa oportunidade de fortalecimento existencial que a literatura proporciona. Sem dúvida, não é interessante para os dominadores que os pequenos de classes inferiores, que devem ser preparados para obedecer, tenham acesso a qualquer forma de libertação. Se pensarmos, por exemplo, que o conto infantil *João e o pé de feijão* pode ser encorajador no sentido de fazer com que a criança não se intimide frente ao domínio autoritário do adulto, de estimulá-la a “enfrentar o gigante” sem medo, poderemos ampliar essa idéia e, então, concluiremos que essa criança, ao se tornar adulto, poderá não se deixar dominar facilmente, pois estará preparada para enfrentar qualquer tipo de autoritarismo. Não interessa àqueles que mandam que subalternos não se deixem dominar. O que percebemos, de fato, é que “a presença da ignorância em nosso meio cumpre a objetivos de dominação de uma classe social sobre as outras” (SILVA, 1997, p. 24). Tal fato constitui uma injustiça social que precisa ser corrigida ou, ao menos, atenuada.¹

¹ Sabemos que as questões que envolvem a formação leitora são complexas e, portanto, há vários enfoques possíveis para que possamos explicá-las. Obviamente, o fator social não explica o problema em sua totalida-

Para uma melhor reflexão sobre esse tema, tentaremos definir nossa visão sobre o que significa a expressão “classe social”. Para isso, partiremos do princípio de que “as características que adquirem as diversas sociedades dependem fundamentalmente do modo como nelas se produzem os bens materiais” (HARNECKER e URIBE, 1980), ou seja, da forma de produção. No capitalismo, o processo de produção dos bens materiais acontece através da exploração dos geradores dos meios pelos proprietários dos bens materiais, isto é, os operários vendem a sua força de trabalho aos capitalistas, para sobreviverem. Recebem um salário e, em troca, proporcionam grandes lucros àqueles que detêm o capital.

Dessa forma, é possível estabelecer que “as classes sociais são grupos humanos, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro por ocupar postos diferentes num regime determinado de economia social” (HARNECKER e URIBE, 1980). Entendemos como classes populares o grupo humano que tem sido explorado por uma minoria que detém o poder econômico e, assim, acredita ser “proprietária” também de bens culturais que vêm sendo acumulados com o passar dos anos e que, por representar uma herança deixada por aqueles que nos antecederam, pertencem a toda a humanidade: “Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se utilizam exatamente desses conteúdos para legitimar e consolidar a sua dominação” (SAVIANI, 1981, p.30).

de, já que nenhum problema pode ser explicado dessa forma. Nossa opção por uma abordagem social não significa que desprezemos os demais caminhos possíveis para o enfrentamento do tema, ao contrário, temos consciência de que é apenas uma abordagem que, embora muito importante, não se sobrepõe às outras.

É importante salientar que hoje em dia a relação antagônica entre dominador e dominado já não se faz mais de forma explícita como ocorreu em outros momentos históricos, em que o confronto entre patrão e proletário era evidente, em que o mundo dividia-se em dois blocos. Karl Marx acreditava que, com o excesso de exploração dos operários pelos capitalistas, a classe proletária tomaria consciência de sua situação e promoveria uma revolução. Contrariando os prognósticos de Marx, os trabalhadores passaram a ter mais acesso aos bens de consumo, deixando de ser “escravos” da produção para se tornarem reféns da sociedade de consumo.

Com todas essas mudanças ocorridas nos últimos anos, com o aumento da classe média e de suas necessidades consumistas, a exploração econômica das massas, tal como era concebida anteriormente, já não pode ser percebida, ao menos, não “a olho nu”. O que acontece é que já não existe mais a postura maniqueísta, segundo a qual uma parte da sociedade encarna a figura do mal, ou opressor, e a outra parte a do bem, ou oprimido. No entanto, isso não significa que já não haja mais exploração e alienação, apenas que isso se nos apresenta de uma maneira mais sutil, o que faz com que alguns de nós sintam um certo estranhamento quando ouvem falar em dominadores e dominados, como se fosse algo pertencente a um passado remoto. Como lembram Adorno e Horkheimer (1985), os conflitos existentes apenas foram acobertados, não havendo oposição porque o homem perdeu sua dimensão crítica.

Não é objetivo desta pesquisa um aprofundamento nesse tema, mas consideramos importante que tal contexto seja levado em consideração, porque acredita-

mos que indivíduos que integram uma classe econômica desprivilegiada não terão as mesmas oportunidades de viverem experiências que propiciem o encontro de significados e, tampouco, que os levem a construir uma história própria de leitura. A descoberta da leitura requer um ambiente favorável a isso. É imprescindível que haja livros e indivíduos alfabetizados, crianças interessadas em descobrir o mundo e adultos com disponibilidade para contar histórias; faz-se necessário, ainda, a atuação de professores comprometidos com a tarefa de formar leitores. Entretanto, sabemos que não é possível comprar livros quando falta comida, nem encontrar tempo para aprender a ler ou para contar histórias aos filhos quando é necessário trabalhar duramente para garantir o sustento da família.

Cerda (1982), no primeiro capítulo de seu livro *Literatura infantil y clases sociales*, faz um levantamento da situação das crianças pobres do Chile e de suas desvantagens como leitores em relação às crianças que vivem em um ambiente mais favorecido economicamente. As constatações feitas pelo autor, relacionando a miséria com a falta de uma formação leitora, servem perfeitamente para o Brasil. No nosso País, como no Chile, as crianças pertencentes a classes populares são vítimas de um sistema que “conspira” para que permaneçam na condição de acomodação intelectual a que estão submetidas e a leitura, definitivamente, não faz parte da realidade delas. Por outro lado, conforme nos mostra Aguiar (1979), se o ambiente desses jovens é desfavorável à leitura, não o é para a comunicação de massa, sendo essa última mais atrativa do que a primeira. Como sabemos, esse tipo de en-

treinamento não visa à formação de um sujeito crítico, reduzindo suas perspectivas e tornando-o um vassalo do sistema, acomodado frente aos desafios de sua vida.

A escola, por sua vez, afasta os leitores, na medida em que favorece a repetição de dados, deixando de proporcionar desafios aos alunos e não incentivando o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo. Os professores, que deveriam formar leitores, pertencem a um sistema que não lhes deu subsídios para que se formassem a si próprios como leitores. Seus estudos, geralmente, são muito voltados para a teoria, não levando muito em conta a realidade educacional. O professor é estimulado a ler sobre educação, mas não é incentivado a “ler” a realidade escolar, o que dificulta ainda mais o trabalho com a leitura entre os alunos. Por não serem leitores assíduos de obras literárias, os mestres terminam por não incentivarem a leitura desses textos, pois eles são trabalhados de forma desinteressante ou são deixados para o final do programa por motivo de falta de tempo.

O processo de formação do leitor na escola está vinculado a um cotidiano no qual o que existe é um intrincado conjunto de mecanismos que acaba por neutralizar a prática da leitura como geradora de uma experiência de reflexão. Desse conjunto fazem parte, dentre outros mais, os mecanismos de caráter ideológico, que difundem uma visão distorcida da língua e da literatura, da aprendizagem e do conhecimento; e os de caráter mercadológico, que fazem da escola um ponto estratégico de *marketing* e dos leitores em idade escolar consumidores em potencial. Esse processo, assegurado por uma escola autoritária, conta com o reforço da nossa organização social no que diz respeito à criação e fortalecimento de condições que

levam a uma direção homóloga àquela que o capitalismo impõe às pessoas submetidas a esse esquema de organização social. Além disso, nosso sistema educacional privilegia aquilo a que Ezequiel Theodoro da Silva (1997, p. 39) chamou de leitura, em detrimento da leitura, o que contribui para que nossos jovens se desinteressassem cada vez mais pelos textos.

A falta de contato de crianças pobres com uma cultura literária, que faz parte da vida dos mais favorecidos desde que nascem, é uma iniquidade que espera por retificação. As histórias e poemas a que as classes populares não têm acesso constituem um patrimônio cultural da humanidade² e, como tal, deveriam estar ao alcance de todos: “Para a solução do problema, é importante que se encontre uma estratégia que leve a criança, desde cedo, a ter experiências de contato direto com os livros, que devem ser manuseados, lidos, escolhidos, comentados” (AGUIAR, 1979).

Outro fator que impede o desenvolvimento leitor de nossa sociedade são os índices excepcionalmente altos de analfabetismo. Segundo estudos realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação (Inep/MEC), utilizando dados do IBGE, esses índices vêm diminuindo entre pessoas com 15 anos ou mais. De acordo com essas informações, o percentual caiu de 19% em 1991 para 12,4% em 2001. O INAF, Indicador de Alfabetismo Funcional, apresenta dados mais recentes, segundo os quais em 2005 esse índice estaria em

² Quando falamos em patrimônio cultural da humanidade não pensamos em uma cultura imposta, que não leve em consideração o contexto em que os indivíduos estão inseridos. Ao contrário, acreditamos que, da mesma forma que os membros pertencentes a todos os estratos da sociedade têm direito de acesso a uma cultura erudita, também o têm de expressarem-se das mais variadas formas, conforme a cultura de cada grupo.

7%. Entretanto, esse mesmo instituto informa que somente 26% dos brasileiros entre 15 e 64 anos são plenamente alfabetizados, pois do restante da população, 34% possuem um nível básico e 31% um nível rudimentar³, ou seja, mais da metade do povo brasileiro é analfabeto funcional.

Aliada a esses índices lamentáveis há a crença errônea de que leitura não é algo que deva pertencer ao universo desses cidadãos, que tanto contribuem com seu trabalho para a manutenção da estrutura social, e que recebem tão pouco em restituição. Embora essas pessoas não possam ter acesso a textos literários, não podemos dizer que a leitura, em um sentido mais amplo, como quer Freire, esteja completamente apartada de suas realidades, pois, ao contrário do que diz o senso-comum, as pessoas não alfabetizadas lêem, já que interpretam o mundo a sua volta, mostrando-nos que ler é “um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos” (MARTINS, 1982, p.31).

Voltando à idéia de Paulo Freire, de que “a leitura do mundo e a leitura das palavras, aprimoram-se mutuamente”, é possível perceber um duplo prejuízo na formação leitora em nosso País, já que, se o indivíduo for analfabeto, estará privado da possibilidade de aprimorar sua interpretação do mundo através das palavras, ao mesmo tempo em que as pessoas que freqüentam ou freqüentaram a escola são le-

³ Nível rudimentar: capacidade de localizar informações explícitas em textos muito curtos, como título de revista, localizar a data de uma campanha de vacinação, ou a idade a partir da qual a vacina pode ser tomada. Nível básico: capacidade de localizar informações em textos curtos, como uma carta reclamando de algum defeito de fabricação de um refrigerador.
Fonte: site do INAF – www.ipm.org.br/an_ind.php

vadas a lerem os textos de forma descontextualizada, sem nenhuma possibilidade de estabelecer algum significado, caminho para o analfabetismo funcional. Luzia de Maria lembra-nos o fato de que muitos professores, ainda hoje, confundem o aprendizado de leitura com a simples decodificação do escrito: “corroboram essa concepção as relações sociais, a divisão do trabalho que enclausura um grande contingente de pessoas em atividades de mera execução. Essas pessoas, afastadas dos processos decisórios, das tomadas de iniciativa, vão se encolhendo nos estreitos limites de sua realidade mais próxima, não sentindo qualquer necessidade da leitura em sua vida diária” (MARIA, 2002, p. 50).

A leitura de obras literárias, dentro desse contexto, torna-se um investimento supérfluo entre indivíduos pertencentes a classes populares, já que eles necessitam ocupar o seu tempo trabalhando para nutrir, de forma precária, o corpo. Dessa forma, o alimento espiritual, através da apreciação de uma obra de arte, nesse caso literária, torna-se direito concedido somente a poucos. Isso representa uma perda cultural muito grande, pois o texto, literário ou não, é o lugar da multiplicidade de vozes. É o espaço do diálogo e do pensamento reflexivo, que faz com que o indivíduo conquiste uma posição de igualdade entre os demais. A experiência literária favorece o encontro de respostas a questionamentos que dizem respeito ao homem, ser sensível, pensante, histórico e social

Além disso, a vivência artística e, portanto, literária constitui um elemento capital para a ampliação de horizontes do ser. Vigotsky (1982) defende a arte como elemento capaz de promover o crescimento e o desenvolvimento humano, através

da criatividade. Segundo esse autor, é um equívoco acreditar que há uma fronteira impenetrável separando a realidade da fantasia, pois a imaginação não se constitui apenas em um divertimento para o cérebro mas, principalmente, em uma função vitalmente necessária para um aprimoramento da relação do sujeito consigo próprio e com o mundo que o cerca. Mosquera (1976) também afirma que a arte pode representar a possibilidade de uma percepção maior da realidade e de uma ampliação qualitativa no que se refere aos sentimentos. Ambos os posicionamentos, contrariando a lei-dura da leitura, valorizam o trabalho lúdico no aprendizado.

Nesse sentido é que percebemos a importância de voltarmos a nossa atenção para o sujeito leitor, levando em consideração as suas experiências de vida. Sabemos que se, por um lado, o problema da falta de contato dos jovens com a leitura pode ser, ao menos em parte, explicado pelas questões de ordem socioeconômica, por outro, entendemos que iniciativas de pesquisadores e demais profissionais da área da literatura têm contribuído de forma substancial para a modificação de uma realidade que está longe de ser a que desejamos para os nossos jovens. Há trabalhos de pesquisa que visam incluir esses leitores em potencial em um universo do qual eles não têm conhecimento, através de atividades ligadas à leitura que possibilitam uma descoberta desse ofício como uma experiência de prazer. Acreditamos que essas iniciativas se constituam na melhor opção para resolver o problema da falta de leitura entre indivíduos carentes.

Entretanto, há um outro local importante pela possibilidade de representar um agente transformador desse contexto, que é a escola⁴, pois, embora saibamos que ela simbolize o contato com a “lei-dura da leitura”, conforme analisamos anteriormente, também sabemos que é o único ambiente de convivência de alguns jovens com a literatura, ou seja, é um espaço que necessita ser trabalhado a fim de conquistar os possíveis leitores. Para Haddad e Riche (1994), o despertar da criatividade de adultos e crianças depende apenas de uma estimulação adequada. Assim, a socialização, o bom relacionamento da turma e o envolvimento do professor representam a porta de entrada do processo de formação leitora, demonstrando que professores e alunos podem ser peças-chave nesse trajeto.

Para isso, faz-se necessária uma mudança na forma de trabalhar os textos em sala de aula, que geralmente são utilizados de forma estática, sem levar em conta a realidade dos alunos bem como seus gostos e interesses. Bamberger (2001), ao refletir sobre o ato de ler na sala de aula, afirma que leitores iniciantes, independentemente da idade, poderão ficar desencorajados se a leitura não fizer parte do seu ambiente cultural ou não encontrarem ao seu alcance livros afinados com os seus gostos. Por outro lado, não podemos esquecer de que alguns professores também não tiveram em sua formação um ambiente propício ao seu aperfeiçoamento como leitores, o que faz com que a situação se torne ainda mais frágil, pois, como lembra Luzia de Maria (2002, p. 49), “para acompanhar o processo de formação do aluno-leitor, é imprescindível que o professor tenha construído ou esteja construindo, para

⁴ Falaremos mais detidamente sobre a leitura na escola mais adiante, entretanto, não poderíamos deixar de mencioná-la agora, já que escola e sociedade têm uma relação bastante estreita.

si próprio, uma **História de leitor**”, ou seja, se pretendemos transformar a escola em aliada na formação leitora do País, precisamos voltar as nossas atenções também para os professores, pensando em formas de contribuir para o seu crescimento como leitores. Por todas essas razões, ressaltamos:

A necessidade de abriremos aos indivíduos a possibilidade de viver experiências concretas nas diferentes fases da sua vida — nesse sentido, uma pedagogia crítica da leitura da palavra deveria levar em conta as leituras preliminares que as pessoas já fizeram do real, levar em conta os limites do mundo concretamente vivido por essas pessoas. E, ao longo de toda a trajetória escolar, não confinar os estudantes às esferas livrescas do currículo, mas abri-lhes perspectivas para um conjunto maior de experiências no território maior onde a escola se situa. (SILVA, 1997, p. 19)

Partindo dessas reflexões, percebemos quão importante é, para o ensino da leitura, uma escola que respeite o indivíduo em sua totalidade, que apresente a leitura como uma atividade prazerosa e não como uma obrigação que os jovens devem cumprir a fim de garantirem uma boa nota. Como bem nos lembra Daniel Pennac (1993), “o verbo ler não suporta imperativo”. As experiências necessárias para que os indivíduos “escrevam” as suas histórias de leitores devem passar pelo prazer e não pela obrigação, pois um ambiente autoritário, seja ele escolar ou não, jamais despertará o gosto de ler. É importante que se perceba o quanto a nossa visão da formação leitora na escola ainda está comprometida com conceitos ultrapassados sobre o que seja o ato de ler.

Faz-se necessário, portanto, que se troque a lei-dura da leitura por aquilo a que Pennac chamou de “direitos imprescritíveis do leitor”⁵, possibilitando experimentar um sentimento de liberdade em relação ao ato de ler, fazendo com que ele sinta que ler é um direito do qual ele poderá, até mesmo, abrir mão, se esse for o seu desejo, e ao mesmo tempo envolvendo-o de forma a que ele leia por vontade própria, isto é dando-lhe o direito de escolha. Eliane Lopes (1995), em seu artigo, intitulado “Leitura: prazer e saber”, mostra-nos como o ato mecânico de ler, sem considerar o caráter mais abrangente dessa atividade, tem sido valorizado:

Na escola lia-se em voz alta, tanto para convencer de que se devia ler, quanto para se ensinar o que se ler. Escolhendo o que deveria ser lido e como deveria ser lido a escola pretendia desenvolver o gosto pela leitura. Mais que isso, a escola, e todos os que a circundavam, os inspetores e as legislações, estabeleciam critérios. O primeiro deles era o de que toda leitura deveria dar lugar a trabalho e ser, ela mesma, parte de um trabalho. Nada de se confundir leitura com ociosidade. O segundo, que dizia respeito às qualidades do que se lia, era o de que um texto seria bom se ele pudesse ser partilhado, se ele pudesse ser mostrado lido em público. Uma leitura era, assim, uma má leitura se se a praticava escondido e dela se envergonharia em público; mas também era uma má leitura aquela sem controle, que poderia criar enganos no seu trabalho de interpretação, pois que feita fora das redes de sociabilidades, que sempre prevêem e fixam um certo sentido e um sentido certo. A leitura em voz alta e pública, fosse feita na escola, na igreja, na família ou mesmo em reuniões explicitamente realizadas para esse fim, criava uma pedagogia da compreensão que pretendia, assim, garantir a justa recepção. Pode-se dizer que a leitura pública não fazia parte de uma teatralização, mas de uma transmissão controlada de sentidos. A entonação do leitor, suas acentuações, seus silêncios, sua emoção, falavam pelo texto. (LOPES, disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios>. Acesso em 10 jul 2006)

Se analisarmos mais detidamente indivíduos que tenham, ao longo de suas vidas, “escrito” uma história de leitores, perceberemos que não se encontram, entre

⁵ Os dez direitos imprescritíveis do leitor são: de não ler, de pular páginas, de não terminar um livro, de reler, de ler qualquer coisa, ao bovarismo, de ler em qualquer lugar, de ler uma frase aqui e outra ali, de ler em voz alta e de calar. In: PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

eles relatos nos quais apareçam experiências como as citadas acima, em que os alunos não tenham autonomia para decidirem o que ler, em que o ato de ler não seja visto como prazer, mas como “trabalho duro”, em que existam leituras das quais possamos nos envergonhar. O que há nessas histórias relatadas são leitores que se enxergam nas obras que lêem e, por isso, são capazes de encontrar respostas e atribuir significado para suas vidas.

1.3 Histórias de leitura

Esses significados vêm sendo construídos no decorrer de toda a vida do sujeito leitor, tendo o seu início na infância, quando os adultos contam histórias para os pequenos. Se assim não é, deveria ser, pois a necessidade que o homem sente de ouvir e de contar torna-se evidente quando observamos relatos de histórias de leitura. A relação íntima do leitor com os livros aparece, também, em diários e biografias de autores e em várias personagens da literatura universal. Homero (aprox. séc. X a.C.), o rapsodo mais ilustre da Grécia Antiga, tornou-se um imortal contando, ou antes, cantando, as suas poesias épicas. Há, ainda, Sherazade, personagem que salva a própria vida contando histórias, em *As mil e uma noites*, àquele que seria seu algoz se não tivesse se apaixonado pela contadora astuciosa.

Em *Decamerão*, as personagens elaboram um sistema de contação de histórias em que todos têm a oportunidade de participar, fazendo com que suportem me-

lhora a quarentena a que são submetidos para fugirem da peste que assola a Europa. Em *Mulheres que correm com os lobos* (1999), Clarissa Estés apresenta-nos uma versão húngara do conto “O Barba Azul”, na qual uma jovem é seduzida pela habilidade que o seu futuro marido, apesar de não despertar interesse imediato naquela que será sua esposa, possui para contar histórias. No Brasil, temos Dona Benta, a avó carinhosa que encanta os netos e os pequenos (além dos grandes) leitores abrindo as portas para um mundo de fantasias, Blau Nunes, o contador de “causos” gauchescos, que nos leva na fantasia para a volta de uma fogueira a ouvir suas histórias e tomar mate.

Daniel Pennac, através das palavras de Paul Valéry, em discurso em uma escola de moças, mostra-nos que o prazer de ouvir uma boa história vale mais do que qualquer utilidade prática que se possa conferir à atividade de um contador de histórias.

Senhoritas, não é, de modo algum, sob o aspecto do vocabulário e da sintaxe que a Literatura começa a nos seduzir. Lembrai-vos simplesmente de como as Letras se introduzem em nossas vidas. Na idade mais tenra, mal cessam de nos cantar a cantiga que faz o recém-nascido sorrir e adormecer, abre-se a era dos contos. A criança os bebe como bebia seu leite. Ela exige a seqüência e a repetição das maravilhas; ela é um público implacável e excelente. Sabe Deus as horas que perdi em alimentar de mágicos e monstros, piratas e fadas, os pequeninos que gritavam: Mais! a seu pai fatigado. (PENNAC, 1993, p. 54).

Já na Antigüidade grega, Aristóteles (384-322 a.C.) chamava a atenção, em sua *Arte poética* (1997), para o fato de que ouvir e contar histórias é algo que faz parte da natureza humana, pois o homem sente necessidade de imitar a realidade. A relação que temos com a ficção é tão forte que, ao mesmo tempo em que os livros

lidos podem nos dar respostas individuais, imprimindo um sentido para nossas vidas, podem, também, demonstrar o estágio em que se encontra a humanidade em um nível mais coletivo, ou social, como demonstra Georg Lukács, defendendo a idéia de que as obras literárias representam uma espécie de espelho da sociedade à qual elas pertencem. Ao iniciar o seu trabalho, *A teoria do romance*, Lukács fala-nos de um tempo em que não havia filosofia, pois todas as explicações eram encontradas nos mitos. Segundo o autor, tratava-se de um tempo sem dúvidas, portanto, sem necessidade de respostas. Esse é o contexto em que surge a epopéia, gênero que reflete plenamente a forma de pensar e de sentir do homem da época.

Assim, o mundo grego é apresentado de forma homogênea e fechada. Em outras palavras, é perfeito e, portanto, estático, ao contrário do nosso mundo atual que, cada vez mais vasto e rico, perdeu em totalidade o que ganhou em abrangência, razão pela qual Lukács afirma a impossibilidade de se produzirem epopéias nos dias atuais. O homem grego vivia no equilíbrio de uma estrutura fechada, que se relacionava com o gênero épico, enquanto o homem atual rompe com essa harmonia e o mundo passa a apresentar-se com uma estrutura incoerente. No universo grego, o homem não conhecia solidão: “Aí não há ainda nenhuma interioridade, pois ainda não há nenhum exterior, nenhuma alteridade para a alma. Ao sair em busca de aventuras e vencê-las, a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta, e jamais põe a si mesma em jogo; ela ainda não sabe que pode perder-se e nunca imagina que terá de buscar-se. Essa é a era da epopéi-

a.”(LUKÁCS, 2000, p.26) O homem atual, em contrapartida, é extremamente solitário, porque não mais integrado em um mundo uno.

A forma romanesca contrapõe-se à epopéia, mostrando uma força amadurecida. O romance compõe-se de uma fusão paradoxal de fatores heterogêneos e descontínuos, tendo sua coerência alcançada por meio da forma: “A mediação entre literatura e vida se faz pela harmonização dos contrários, a unidade do todo superando a contradição das partes ou elementos” (BORDINI, 2003, p.34). Enquanto os outros gêneros literários possuem uma forma acabada, no romance, ela é um processo. Se a epopéia mostra o homem em perfeita harmonia com seu universo fechado, o romance indica o rompimento dessa consonância. É a ruptura entre o sujeito e seu mundo, o momento em que a totalidade deve ser buscada, em meio a um ambiente fragmentado: “A epopéia dá forma a uma totalidade de vida fechada a partir de si mesma, o romance busca descobrir e construir, pela forma, a totalidade oculta da vida” (LUKÁCS, 2000, p.60). Assim, o romance é “la expresión literaria del rompimiento de la unidad, y al mismo tiempo es un medio que sirve para desvelar y edificar la totalidad oculta de la vida.”⁶(SEFCHOVICH, 1979, p.110)

Embora não seja objetivo dessa dissertação teorizar sobre o gênero narrativo, consideramos importantes essas reflexões no sentido de demonstrar a relação íntima do homem com a ficção, tanto no âmbito individual quanto no social, o que podemos facilmente comprovar, por um lado, através de um trabalho atento com histórias de leitura de diferentes pessoas, por outro, ao estudarmos as relações existen-

⁶ a expressão literária do rompimento da unidade, e ao mesmo tempo é um meio que serve para desvelar e edificar a totalidade oculta da vida (tradução nossa).

tes entre a literatura de uma época e a História. Na esfera individual, quando o sujeito constrói a sua história de leitor está, ao mesmo tempo, permitindo-se, através de uma consciência mais madura, organizar e “civilizar” os aspectos caóticos de seu inconsciente. Ao ler ou ouvir uma história, o indivíduo coloca em ordem o seu caos interior, libertando-se de medos e encorajando-se a experimentar a vida de forma mais plena. Do ponto de vista social, a literatura apresenta a história de uma sociedade de um tempo através dos fatos corriqueiros, do cotidiano, que, se não aconteceram, poderiam ter acontecido, isto é, a literatura mostra o dia-a-dia, para além dos dados históricos oficiais, o que contribui, também, para uma organização da sociedade em questão, reproduzindo no âmbito coletivo, tudo o que ocorre individualmente.

Outra forma de constatarmos a importância que têm as obras literárias para os leitores é através da maneira pela qual os indivíduos idealizam os livros. No capítulo IV de sua tese de doutorado, Diana Werkmeister mostra como isso ocorre com os seus entrevistados: há quem acredite que as obras literárias servem como meio de transformação social, tornando o mundo mais justo; há quem as veja como propulsoras do progresso científico da humanidade; existem aqueles que acreditam que a literatura pode servir como uma espécie de agente da paz; ou ainda, há os que as vêem como uma conexão do homem com Deus.

O importante é percebermos que, na verdade, cada uma dessas visões representa aquilo que há de mais importante para o leitor, ou seja, o indivíduo projeta-se no texto lido a partir de suas prioridades existenciais. Nesse caso, haveremos de

pensar que, afinal, a leitura poderá se tornar uma fuga. Werkmeister, na tese referida, menciona um aspecto dialético da literatura, afirmando que, por um lado, ela é escapista, na medida em que afasta o indivíduo do mundo real para viver experiências imaginárias; por outro, encoraja-o a, em determinado momento, passar a viver de fato tais experiências. Embora os livros possam desempenhar os mais variados papéis para os leitores que participaram da pesquisa de Werkmeister, é unânime “o reconhecimento por parte dos entrevistados de que este impacto ultrapassou a fronteira de seu crescimento intelectual e afetou-os internamente”. (WERKMEISTER, 1993, p. 43) Dessa forma, o escapismo do leitor literário não é o mesmo que se percebe, por exemplo, em algumas revistas femininas, que fazem com que as mulheres mantenham-se acomodadas na posição de “rainhas do lar”.

A leitura como experiência de descoberta de si mesmo parece ser o que impulsiona os leitores que participaram da pesquisa. Essa é a razão apresentada pela autora para o fato de, em suas preferências literárias, os entrevistados mencionarem autores que demonstram uma profunda densidade narrativa, como Camus, Kafka e Dostoiévski, pelo fato de eles possuírem o poder de “mobilizar internamente seus leitores, fazendo-os refletir sobre a vida, enquanto, lendo, vivem outras vidas e descobrem quem são. Dirigem-se ao coração do homem, onde residem sentimentos essenciais como o amor e o temor à vida, a rejeição, o ódio, a solidariedade ou sua ausência”.(WERKMEISTER, 1993, p. 44)

Essas experiências, quando vividas na adolescência, fase em que formamos a identidade, adquirem uma importância fundamental, pois elas têm o poder de influ-

enciar a visão que temos do mundo, interferindo, dessa forma, em todo o nosso futuro, através de nossas opiniões, sonhos e anseios, que jamais serão os mesmos. Muitos são os autores que nos dão provas dessa impressão marcante que a leitura deixa naqueles que a experimentam desde cedo. São muitas as personagens da literatura universal que sofreram influência das obras que leram, o que nos parece uma representação da visão que seus criadores têm do ato de ler como algo transformador. Ema Bovary e Dom Quixote são exemplos de personagens que tiveram uma percepção de seus ambientes para além do senso comum. Ainda, há inúmeros depoimentos de escritores, por meio de diários ou autobiografias, falando sobre a relação emocional entre leitor e livro. Algumas vezes, os livros estão associados às lembranças da infância:

Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No escritório de meu avô, havia-os por toda parte; era proibido espaná-los exceto uma vez por ano antes do reinício das aulas em outubro. Eu ainda não sabia ler e já reverenciava essas pedras erigidas: em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca ou nobremente espacejadas em aléias de menires, eu sentia que a prosperidade de nossa família delas dependia. Elas se pareciam todas; eu foliava num minúsculo santuário, circundado de monumentos atarracados, antigos, que me haviam visto nascer, que me veriam morrer e cuja permanência me garantia um futuro tão calmo como o passado. Eu os tocava às escondidas para honrar minhas mãos com sua poeira, mas não sabia bem o que fazer com eles e assistia todos os dias a cerimônias cujo sentido me escapava: meu avô — tão canhestro, habitualmente, que minha mãe lhe abotoava as luvas — manejava esses objetos culturais com destreza de oficiante. Eu o vi milhares de vezes levantar-se com um ar ausente, contornar a mesa, atravessar o aposento com duas pernadas, apanhar um volume sem hesitar, sem se dar o tempo de escolher, folheá-lo, enquanto voltava à poltrona com um movimento combinado do polegar e do índice, e depois, tão logo sentado, abri-lo com um golpe seco "na página certa", fazendo-o estalar como um sapato. Às vezes eu me aproximava a fim de observar aquelas caixas que se fendiam como ostras e descobria a nudez de seus órgãos interiores, folhas amarelecidas e emboloradas, ligeiramente intumescidas, cobertas de vênulas negras, que bebiam tinta e recendiam a cogumelo. (SARTRE, 1967, p.27-28)

No caso de Sartre, percebemos uma associação de suas experiências no ambiente familiar com os primeiros contatos que teve com os livros, na biblioteca do avô. Essa tendência de associar os livros com o contexto no qual se inseriam quando da convivência inicial com eles também foi percebida por Werkmeister em seu trabalho. Ela afirma que as leituras que fazemos são associadas às diversas fases de vida pelas quais passamos e aos diferentes lugares em que vivemos nossas experiências leitoras: “A leitura nunca é descontextualizada. Quando é importante, o leitor sabe precisá-la com exatidão. As lembranças de leitura estão associadas ao lugar em que ela é feita. Os locais não são sempre os mais aprazíveis — variam de banheiro de internato (...), porão (...) a um jardim (...). Ao lembrar de uma obra, o leitor lembra de quem ele era quando a leu”. (WERKMEISTER, 1993, p.48-49), ou seja, quando o leitor lembra de uma obra, lembra-se junto do momento, local e contexto em que ela foi lida.

Essas lembranças não ocorrem de uma forma superficial, o que pode ser facilmente percebido se pensarmos na influência que as experiências recordadas têm na trajetória futura do sujeito. Bruno Betelheim, no artigo “Os livros essenciais da nossa vida”, menciona a importância que a vivência literária representou em sua formação como pessoa. Paulo Freire foi ainda mais longe, associando a origem de sua formação nas letras com a teoria de alfabetização que desenvolveria mais tarde. Como alude Werkmeister, “já está aí presente a idéia de ‘palavras geradoras’ pertencentes ao ‘mundo da vida’”. (p.51) Podemos observar pelos depoimentos citados abaixo, pelos próprios autores, como essa influência ocorreu:

Há também outros livros que, em contraste influenciam poderosamente o nosso desenvolvimento pessoal, que o tornam possível e que o determinam em grande parte ou totalmente. Na minha vida, isso tendeu a ocorrer principalmente nos momentos em que eu estava buscando formar uma identidade. Via de regra, isso se dá na adolescência, quando os livros podem de fato influir decisivamente moldando a nossa visão de nós mesmos e do mundo. (BETELHEIM, 1990, p. 26)

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós.(...) Os textos, as palavras, as letras daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sarihaçu, o do olha-pro-caminho-que-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. (FREIRE, 2005, p12)

Os textos, as palavras, as letras daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores — das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos.(...) A decifração da palavra fluía naturalmente da leitura daquele mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (Idem, p.13).

Corroborando essa idéia de que a leitura deixa suas marcas em quem a pratica, Marcel Proust, que escreveu um elogio ao ato de ler em sua obra *Sobre a leitura*, também, no primeiro volume da série *Em busca do tempo perdido*, intitulado “No caminho de Swan”, demonstra como essas impressões interferem de forma contundente na vida do narrador/leitor, de modo que ele já não mais percebe, em certos momentos, a diferença entre o que é a sua vida e o que é a vida narrada na ficção. Seus atos misturam-se de tal forma com as leituras feitas a ponto de ele já não mais saber quando está lendo de fato ou quando está sonhando que lê. A leitura é sentida como uma experiência mística, o que pode ser percebido pela menção ao fenômeno de metempsicose e pela aura onírica que podemos perceber na passagem abaixo:

Durante muito tempo, deitava-me cedo. Às vezes, mal apagada a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar: "Vou dormir". E, meia hora depois, a idéia de que já era tempo de conciliar o sono me despertava: queria deixar o livro que julgava ainda ter nas mãos e assoprar a vela; dormindo, não havia deixado de refletir sobre o que acabara de ler, porém tais reflexões haviam tomado um aspecto um tanto singular; parecia-me que era de mim mesmo que o livro falava: uma igreja, um quarteto, a rivalidade de Francisco I e Carlos V. Essa crença sobrevivia por alguns segundos ao meu despertar; não ofendia a razão, mas pesava como escamas sobre os olhos, impedindo-os de perceber que a vela já não estava acesa. Depois, principiava a me parecer ininteligível, como, após a metempsicose, as idéias de uma existência anterior; o assunto do livro se desligava de mim, eu ficava livre para me adaptar ou não a ele; logo recobrava a vista e me surpreendia bastante por estar rodeado de uma obscuridade, suave e repousante para os olhos, porém ainda mais talvez para o espírito, ao qual surgia como uma coisa sem causa, incompreensível, como algo verdadeiramente obscuro. Perguntava-me que horas poderiam ser; ouvia o silvo dos trens que, mais ou menos afastado, como um canto de pássaro na floresta, assinalando as distâncias, me informava sobre a extensão da campina deserta onde o viajante se apressa em direção à próxima parada: o caminho que ele segue vai lhe ficar gravado na lembrança pela excitação de conhecer novos lugares, praticar atos inusitados, pela conversação recente e as despedidas sob a lâmpada estranha que o seguem ainda no silêncio da noite, e pela doçura próxima do regresso. (PROUST, 2003a, p. 9)

Podemos observar que a leitura, conforme se apresenta na passagem acima, também assume uma dimensão mítica, além de mística, que pode, igualmente, ser percebida no trabalho de Diana Werkmeister, pois, ao analisar as formas pelas quais se dá o encontro de seus entrevistados com os livros, a pesquisadora constatou que isso ocorre de quatro formas distintas, que dependem da natureza de cada um, bem como de suas visões de mundo, interesses pessoais, e formas de sentirem a vida.⁷ Embora saibamos que, em nenhum momento de seu trabalho, houve a intenção por parte da autora de descobrir algo que ao menos se assemelhe a um mito de leitor, conseguimos, em nossa leitura, perceber que isso ocorre.

⁷ Ressaltamos que essas quatro "formas de encontro com os livros" foram observadas entre aqueles entrevistados, especificamente, ou seja, outros leitores poderão enxergar o ato de ler de outras formas, que poderão ser associadas a outros mitos.

A primeira forma de encontro do leitor com os livros, mencionada por Werkmeister, é apresentada no subcapítulo intitulado “Eu me reconheço na leitura”. De acordo com a visão de leitura aí demonstrada, a obra é vista como se fosse um espelho, isto é “um utensílio que reflete a minha face e me mostra aquilo que eu sou. A literatura faz isso com a vida. Mostra como ela é e por isto pode não ser ‘bom’, pois nem sempre esta imagem é agradável. Mesmo assim o leitor ‘se apaixona’, porque reconhece no texto a sua vida e pode assim vê-la de outra forma. A interação com o texto liberta o leitor daquelas coisas obscuras e escondidas que ele não via, seja em si mesmo, seja no mundo” (WERKMEISTER, 1993, p. 58).

A autora associa esse processo com a teoria da singularização, dos formalistas russos, segundo a qual a linguagem poética rebela-se contra o uso autômato da língua, criando formas novas de expressão através de metáforas, neologismos e outros elementos que causam uma sensação de estranhamento no leitor. O efeito é parecido com o que acontece na situação mencionada no parágrafo acima, pois ao mesmo tempo em que ele se enxerga na circunstância vivida pelas personagens da ficção, ele é levado a fazer isso de uma outra forma que não a usual. Entendemos que essa postura do leitor frente à obra literária pode ser relacionada com o mito de Narciso, já que esse lida com uma situação em que, tal como o leitor citado, se enxerga em um espelho em forma de lago, vivendo essa experiência de estranhamento, ou singularização, frente à própria imagem e apaixonando-se pelo que vê.

No subcapítulo “A leitura me salva”, encontramos a segunda forma de o leitor relacionar-se com as obras literárias. Nesse caso, a leitura funciona como ele-

mento de redenção, fazendo com que o leitor saia de seus conflitos “são e salvo”. Os sofrimentos das personagens servem como uma espécie de “lição” de vida para o leitor: “A literatura ‘salva’ ao acenar com a ameaça de desequilíbrio e ao devolver ao leitor um mundo reestruturado ao término da obra” (WERKMEISTER, 1993, p.64). Werkmeister chama a atenção para o fato de que, nesse caso, não há uma recepção com base na fruição estética, mas sim uma apropriação e utilização da obra pelo leitor para fins pessoais. O que nos parece é que os indivíduos que experimentam a leitura com essa visão “salvadora” influenciam-se, de alguma forma, pelo mito da redenção, tão conhecido de nossa cultura ocidental por intermédio do arquétipo cristão. Edward Edinger explica isso dizendo que a vida de Cristo descreve, através de imagens simbólicas, os elementos da vida consciente e inconsciente de um homem que viveu experiências de transformação e, assim, conseguiu alcançar a realização.

A vida de Cristo, entendida em termos psicológicos, representa as vicissitudes do Si-mesmo em sua encarnação num ego individual, bem como as vicissitudes do ego no processo de participação nesse drama divino. Em outras palavras, a vida de Cristo representa o processo de individuação. Esse processo, quando sobrevém a um indivíduo, pode significar salvação ou tragédia. Quando é parte de uma igreja ou credo religioso, o indivíduo é poupado dos perigos envolvidos na experiência direta. Mas, uma vez que não esteja vinculado com um mito religioso, ele se torna candidato à individuação. (EDINGER, 1995, p. 15)

“Encontro compensação nos livros” é o subcapítulo seguinte. Nele são apresentados leitores que, afastados de seus “locais sagrados”, ou por mudança de cidade, ou por encontrarem-se internos em uma instituição educacional, buscam descobrir uma recompensa na leitura, ou seja, tentam encontrar uma compensação pelos sofrimentos vividos em seus exílios. Há, nesse caso, uma sensação de retorno ao

paraíso perdido que também é nossa conhecida, se pensarmos em Adão e Eva sendo expulsos do Éden. Platão, em seu mito da caverna, já nos falava de um sentimento de saudade de um paraíso perdido, que segundo a sua teoria representava o mundo das idéias. Encontramos esse sentimento de degedo, também, em indivíduos pertencentes a sociedades matriarcais, nas quais os ritos de adoração à deusa eram praticados. A terapeuta Nancy Qualls-Corbett, em seu livro *A prostituta sagrada*, mostra-nos, por meio de textos encontrados em suas pesquisas, a tristeza de uma sacerdotisa banida do templo sagrado:

Tu pediste-me para entrar no claustro santo, o *giparu*,
e eu entrei nele, eu, a alta sacerdotisa Enheduana!
Eu carreguei a cesta do ritual e cantei em seu louvor.
Agora encontro-me banida, em meio aos leprosos.
Nem mesmo eu consigo viver contigo.
Sombras penetram a luz do dia,
a luz escurece-se à minha volta,
sombras penetram a luz do dia,
cobrindo o dia com tempestades de areia.
Minha suave boca de mel torna-se repentinamente confusa.
Minha linda face agora é pó.

(QUALLS-CORBETT, 1990, p. 35)

Esse sentimento de exílio, que todos experimentados em algum momento de nossas vidas, é a base para essa maneira de vivenciar a leitura, na qual o leitor busca uma recompensa por algo que lhe foi retirado. Percebemos nessa postura frente ao ato de ler a presença do mito do paraíso perdido. Nesse tipo de conexão livro/leitor há um reconhecimento, por parte do sujeito, de vivências objetivas, isto é, ao entrar em contato com as situações vividas pelas personagens, o leitor reconhece

as próprias vivências, o que lhe propicia uma identificação imediata. Essa leitura alentadora é quase uma confirmação de que “os bons herdarão a Terra”.

A última forma de encontro com os livros identificada por Werkmeister em sua pesquisa foi relatada no subcapítulo “A literatura me desafia”. Aqui o leitor se sente atraído por obras que o choquem, causando, desse modo, um movimento interno que o force a uma transformação. A leitura, nesse caso, é algo que fere, causando uma “larga chaga”. Entretanto, tal como o fígado de Prometeu, as feridas reconstituem-se; tal como Prometeu roubou aos deuses o fogo do conhecimento para entregá-lo aos homens, a leitura dá-nos uma “chave para salas desconhecidas do nosso próprio castelo” (WERKMEISTER, 1993, p. 73). É o mito do sacrifício heróico do leitor em troca do conhecimento de si mesmo e do mundo que o cerca. Ao contrário do caso anterior, aqui as vivências não são reconhecidas em um nível objetivo, pois tudo acontece mais especificamente no âmbito da interioridade do leitor.

Como podemos perceber, a leitura proporciona, de uma forma ou de outra, o encontro do sujeito consigo mesmo e, por isso, é um ato prazeroso. Entretanto, conforme menciona Proust (2003b), em seu ensaio *Sobre a leitura* ela é, também, um ato solitário. O jovem Marcel, conforme nos conta o texto, preferia abrir mão das brincadeiras com seus pares em favor de um isolamento propício às leituras. Dessa forma, o leitor freqüente pode acabar sendo visto como um “sábio ermitão”, o que nos remete novamente a uma mitificação do ato de ler. Tal isolamento não significa algo negativo. Paul Ricoeur (2000) afirma ser a solidão um elemento fundamental

da constituição dos seres humanos, o que se confirma se pensarmos que as principais experiências de nossas vidas são atos solitários, como nascimento e morte, por exemplo. Esse prazer encontrado no isolamento, uma “morte” social momentânea, talvez possa ser explicado pela teoria de Georges Bataille, segundo a qual, o erotismo e a experiência de morte têm uma relação íntima de correspondência.

Georges Bataille inicia a introdução de sua obra *O erotismo* afirmando que há uma relação entre esse e a morte. Para explicar o que, em um primeiro momento, parece contraditório, já que o instinto de reprodução remete à vida, o autor utiliza-se de duas idéias opostas: continuidade e descontinuidade. Ele explica que todos somos seres descontínuos, na medida em que somos individuais, diferentes e sós. Essa diferença jamais poderá ser suprimida, apesar de todos os esforços de comunicação. Bataille afirma que “entre um ser e outro há um abismo de descontinuidade. (...)Esse abismo é a morte, e a morte é vertiginosa, fascinante”(BATAILLE, 2004, p. 22). O autor explica que a reprodução envolve a relação entre dois seres descontínuos que, por se originarem da fusão de outros dois elementos, óvulo e espermatozóide, trazem em si a lembrança da continuidade. Somos descontínuos, morreremos isoladamente, mas trazemos em nós o que Bataille chama de “nostalgia da continuidade perdida”, o que poderá ser, com facilidade, associado àquela idéia, anteriormente mencionada, de saudade do paraíso perdido.

Todavia, percebemos que, se por um lado o leitor busca a solidão no isolamento da leitura, por outro, ele não é tão só assim, porque convive com suas histórias e personagens favoritas. Tampouco o autor é só, pois, ao escrever o livro deixa-

se acompanhar de leitores imaginários, de seus escritores de preferência e de outros “companheiros de farra”. Mario Vargas Llosa, por exemplo, em sua obra *A orgia perpétua* declara que, em sua fase de depressão, lia repetidas vezes a cena da agonia de Ema Bovary. “Ema se matava para que eu vivesse” (VARGAS LLOSA, 1979, p. 15). Vargas Llosa demonstra, na forma com que se refere a Ema Bovary, ter para com a personagem uma intimidade plena: “(...) trata-se de um segredo entre Ema e eu” (Idem, p.19).

Além da relação de confiança que o leitor tem com as personagens, o próprio objeto livro, algumas vezes, pode desempenhar o papel de amigo e de confidente: “os livros davam-me segurança: falavam e nada dissimulavam; na minha ausência calavam-se. Abria-os e então eles diziam exatamente o que diziam” (BEAUVOIR, 1968, p. 47). Ou ainda, o livro pode ser o mestre que prepara para a vida: “por vezes (...) o livro falava-me mais ou menos confusamente do mundo que me cercava ou de mim mesma; fazia-me sonhar, então, ou refletir, e amiúde abalava minhas convicções” (Idem, p. 48).

Ao mesmo tempo em que os livros podem ser companheiros que consolam, que orientam e que descerram horizontes, também podem aparecer como instrumento de perdição, como observamos no caso das personagens Ema Bovary, de Flaubert, Luiza, de Eça de Queiroz, do eterno sonhador Dom Quixote, criação de Cervantes, e do não menos fantasioso Policarpo Quaresma, que acreditou poder transformar o seu mundo com os estudos e tudo o que encontrou foi um final trágico. Cremos na possibilidade de isso ocorrer em virtude da culpa que pesa sobre os

ombros dos indivíduos em nossa sociedade com relação a tudo o que se refere a prazer. Já que o autor mostra em sua obra, ainda que de forma inconsciente, uma espécie de espelho da sociedade, é natural que aconteçam essas “punições” a personagens transgressoras, que ousaram fazer o que lhes causava felicidade. Se a leitura é uma atividade prazerosa, logo não é uma ocupação séria. Seguramente isso não acontece na esfera da consciência, sendo algo que se reflete nas obras por já ter sido internalizado e assimilado pelos indivíduos. Assim, a leitura torna-se uma ocupação que deve objetivar um resultado prático e não, simplesmente, servir ao puro deleite.

Alguns dos entrevistados de Diana Werkmeister contam que seus pais assumiam uma postura incentivadora frente à leitura somente em situações nas quais essa atividade possuísse um caráter moralista, dando ao ato de ler um cunho utilitário. Esses pais, embora acreditem ser incentivadores na formação leitora de seus filhos, são, na verdade, controladores. Outros, porém desestimulam a leitura, alegando sua “inutilidade”, encarando-a como um simples pretexto para fugir do trabalho, o que está tão bem ilustrado no início de *O vermelho e o negro*, quando o jovem Julien Sorel é repreendido e agredido pelo pai por estar lendo em lugar de concentrar-se no trabalho:

Em vez de vigiar atentamente a ação de todo o mecanismo, Julien lia. Nada era mais antipático ao velho Sorel; teria talvez perdoado a Julien sua frágil estatura, pouco adequada para os trabalhos de força e tão diversa da de seus irmãos; mas esta mania de leitura lhe era odiosa; ele não sabia ler.

Foi em vão que chamou Julien duas ou três vezes.

A atenção com que se entregava a seu livro, bem maior que o barulho da serraria, o impedia de escutar a terrível voz de seu pai. Enfim, apesar de sua idade, este saltou lentamente sobre a árvore submetida à ação da serra e daí para a viga transversal que sustinha o teto. Um golpe violento fez voar no

regato o livro que Julien segurava; uma segunda pancada também violenta, dada em sua cabeça, em forma de cacholeta, o fez perder o equilíbrio. Ia cair a quatro ou cinco metros abaixo, no meio das alavancas da máquina em ação, porém seu pai o reteve com a mão esquerda:

— Muito bem, preguiçoso! Sempre lê seus malditos livros enquanto cuida da serra? Fique com eles à noite, quando vai perder seu tempo na casa do cura.

Julien, embora aturdido pela força da pancada, e sangrando, aproximou-se de seu posto oficial, ao lado da serra. Tinha lágrimas nos olhos, menos por causa da dor física do que pela perda do livro que adorava. (STENDHAL, 1995, p. 28-29)

Assim como ocorre com os pais que, algumas vezes, pensam estimular a formação leitora dos filhos e não percebem que atrapalham, é comum, também, que professores, no intuito de fazerem um “trabalho sério”, que leve os alunos a conviverem com a literatura, acabem por desconsiderar o fato de que o hábito da leitura só existe onde há prazer. O excesso de cobrança, a preocupação com as notas e a negação do direito de escolher suas próprias leituras dificultam o acesso dos jovens aos livros. Cabe, nesse caso, a reflexão feita por Pennac: “que pedagogos éramos, quando não tínhamos a preocupação da pedagogia!” (1993, p. 21). Lobato, em seu texto “Recordando”, também reflete sobre o assunto, enquanto relembra suas leituras de Júlio Verne:

A inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia. A bagagem de Júlio Verne, amontoada na memória, faz nascer o desejo de estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando já existe material concreto na memória. Mas pegar de uma pobre criança e pô-la a decorar nomes de rios, cidades, golfos, mares, como se faz hoje, sem intermédio da imaginação, chega a ser criminoso. É, no entanto, o que se faz!... A arte abrindo caminho à ciência: quando compreenderão os professores que o segredo de tudo está aqui? (LOBATO, 1959, p 101).

Para Marisa Lajolo, só será possível a realização de um bom trabalho de formação de leitores nas escolas se os professores tiverem intimidade com as obras literárias, pois, “se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas” (LAJOLO, 1986a, p.53). Além disso, é de suma importância pensarmos em termos de interesses de leitura, pois a preocupação, tanto de pais quanto de professores, em proporcionar aos jovens e às crianças contato com textos que estejam de acordo com as simpatias de suas faixas-etárias facilita a concepção de uma história de leitores para esses jovens e para essas crianças.

1.4 Interesses de leitura

A questão dos interesses de leitura contraria muito aquela idéia, anteriormente mencionada, de que o ato de ler deva ser algo com uma finalidade prática, não levando em conta simplesmente o prazer. A verdade é que nenhum argumento racional do tipo “aumentar vocabulário”, “adquirir conhecimentos” e tantos outros fará com que crianças e jovens tornem-se leitores assíduos, pois somos motivados pela procura da realização, e isso pressupõe e envolve a busca do prazer. Aguiar

(1986) afirma que esse prazer deve ser descoberto antes mesmo da idade escolar, começando em casa, embora as expectativas quanto à formação leitora acabem por voltar-se para a escola, tornando-a uma das principais responsáveis por aproximar ou afastar os alunos das obras literárias.

Filipouski defende a idéia de que a escola é o lugar ideal para que o indivíduo torne-se leitor, pois “embora seja relativamente fácil ensinar uma criança ou mesmo um adulto a reconhecer letras e palavras, dominando a dinâmica da leitura, é o treino, o desembaraço, a assiduidade e a motivação do leitor que fixarão este hábito e transformarão o ato de ler numa experiência ao mesmo tempo agradável e condutora do conhecimento” (FILIPOUSKI, 1986). Por isso a autora acredita na necessidade de a escola ocupar-se com o desenvolvimento de estratégias que tornem mais eficiente o ensino da leitura. Considerando esse espaço tão significativo que a escola ocupa na formação leitora das pessoas, torna-se fundamental que os professores tomem alguns cuidados ao prepararem suas aulas, como, por exemplo, levar em conta certos critérios de seleção dos textos a serem utilizados em seus trabalhos com os alunos.

O interesse de leitura dos jovens está entre os pontos mais relevantes a serem considerados em uma seleção adequada de textos, já que não se formam leitores sem prazer e esse só é possível onde houver estima pelo texto. Segundo pesquisa desenvolvida por Aguiar (1979), os interesses de leitura têm relação com idade, sexo e nível socioeconômico. No que se refere à idade, a autora considerou a idéia de Schliebe-Lippert e A. Beinlich, demonstrada na obra *Como incentivar o hábito*

da leitura, de Richard Bamberger (2005), segundo a qual, há cinco “idades de leitura”.

Essas idades poderiam ser definidas da seguinte forma: A idade dos livros de gravuras e dos versos infantis, até os quatro anos, caracteriza-se por ser um período egocêntrico, em que a criança faz pouca distinção entre o mundo interno e o externo. Tudo o que experimenta parte do meio em que vive em relação a si mesma, ou seja, é a idade do pensamento mágico. Nessa fase acontece a separação entre o ego e o mundo que a cerca. Os livros de gravuras são agradáveis quando oferecem objetos simples. A criança se interessa mais pelas cenas isoladas e menos pela ação do enredo. Aprecia os versos infantis em virtude do ritmo, da força plástica das idéias, do ritmo do jogo com as palavras e seus sons. O seu primeiro interesse pelo conhecimento da ordem dos fatos é satisfeito pelo mais comum dos livros de gravuras. Com os primeiros sinais de independência e desafio, “brincadeiras” independentes com livros de gravuras também são importantes para finalidades pedagógicas.

Entre os cinco e os oito ou nove anos a criança se encontra na idade do conto de fadas, que se caracteriza por ser a idade de leitura do realismo mágico. Nessa fase do seu desenvolvimento a criança é extremamente sensível à fantasia. No começo desse período gosta principalmente de contos de fadas que representam uma atmosfera que lhe é familiar. O prazer encontrado no ritmo e nos versos, bem como o gosto pela poesia, permanecem os mesmos. Dos nove aos doze anos, o indivíduo estará na idade das histórias ambientais ou da leitura fatural, que possui como característica principal a construção de uma fachada prática, realista, ordenada

racionalmente, “diante de um pano de fundo mágico-aventuresco pseudo-realisticamente mascarado” (BANBERGER, 2005, p 34). Por ser uma fase em que a criança começa a conquistar a sua orientação no mundo concreto, objetivo, iniciam as perguntas do tipo: “Como?”, “O quê?” e “Por quê?”, com cada vez mais frequência. A criança capta com curiosidade e paixão as coisas de seu meio, não aceitando as descrições secas, mas preferindo as histórias que apresentem acontecimentos intensos. Embora ainda haja algum interesse pelos contos de fadas e pelas sagas, é notório o surgimento do interesse pelas aventuras.

Posteriormente, entre os doze e quatorze ou quinze anos, o jovem experimenta a idade da história de aventuras e do realismo aventureiro ou a “fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo”. No desenvolvimento da pré-adolescência, o sujeito, paulatinamente, toma consciência da própria personalidade, afrouxando ou desfazendo os elos que havia. Nessa idade há a tendência de predominarem as demonstrações de agressividade que podem resultar em formação de gangues. O interesse dos jovens leitores volta-se, principalmente, para o enredo sensacionalista. No caso das meninas, a criança rebelde surge, muitas vezes, no que se refere às preferências de leitura, no sentimentalismo barato e na auto-adulação. Finalmente, nos anos de maturidade ou no desenvolvimento da esfera estético-literária da leitura, que acontece, aproximadamente, entre os quatorze e os dezessete anos, há a descoberta do próprio mundo interior e de uma escala de valores. A forma e o conteúdo passam a ter importância, tanto quanto a trama. O interesse

pelo mundo exterior é substituído ou complementado pela participação no mundo interior e no mundo dos valores.

Com relação ao sexo dos leitores, Aguiar (1979) concluiu que os fatores biológicos que determinam as diferenças de comportamento entre meninos e meninas também interferem em suas preferências no que diz respeito à leitura. Os rapazes têm predileção por textos de viagens, de aventuras e de explorações, enquanto as moças preferem as histórias sobre amor e vida familiar. Quanto à influência da situação socioeconômica a pesquisa verificou que entre leitores de classes distintas há mais diferenças do que semelhanças. Os interesses são distintos desde questões como o assunto tratado no texto e a estrutura da história até os aspectos externos, como tamanho das folhas, espessura dos livros e tamanho das letras. Tais elementos não podem ser deixados de lado na hora em que o professor estiver preparando suas aulas de leitura.

Há, ainda, como demonstra Aguiar (1986), alguns fatores a serem ponderados na hora de efetuar a seleção de textos utilizados na formação leitora dos jovens, já que a observância ou não desses elementos pode interferir diretamente no prazer ou no desprazer da leitura. Inicialmente, devemos pensar na finalidade do texto, já que ele pode ser informativo ou recreativo. A autora alerta para o fato de que os livros destinados aos jovens devem privilegiar o prazer e, portanto, quando se trata de formação leitora na infância e na adolescência a opção deve ser pelas leituras recreativas, ao menos nas disciplinas que estudam a linguagem, já que nas demais há grande quantidade de textos informativos sendo trabalhados. “Seu exercício possi-

bilitará ao aluno uma forma habitual de lazer, ao mesmo tempo em que aguçará seu espírito de análise e crítica como expressão cultural” (AGUIAR, 1986, p.87).

1.5 Escola e leitura literária

Talvez haja certa dificuldade em trabalharmos, no âmbito escolar, com a leitura que visa o prazer porque, dessa forma, os alunos serão levados a perceber a natureza anárquica que pode encerrar o ato de ler, o que contraria uma das finalidades da escola, que é ensinar a ter disciplina. Um aluno que se tornasse crítico, que fosse capaz de pensar por si próprio, que contestasse, causaria incômodo a alguns professores, o que é compreensível se pensarmos que esses mestres também foram criados em uma sociedade que não contribuiu para desenvolver neles próprios tais habilidades leitoras. Dessa forma, ao causar desconforto em uma escola que não sabe como lidar com o aluno leitor, ele transformar-se-ia em algo como um “contra-herói”:

Ficção de um indivíduo (algum Sr. Teste às avessas) que abolisse nele as barreiras, as classes, as exclusões, não por sincretismo, mas por simples remoção desse velho espectro: a contradição lógica; que misturasse todas as linguagens, ainda que fossem consideradas incompatíveis; que suportasse, mudo, todas as acusações de ilogismo, de infidelidade; que permanecesse impassível diante da ironia socrática (levar o outro ao supremo opróbrio: contradizer-se) e o terror legal (quantas provas penais baseadas numa psicologia da unidade!). Este homem seria a abjeção de nossa sociedade: os tribunais, a escola, o asilo, a conversação, convertê-lo-iam em um estrangeiro: quem suporta sem nenhuma vergonha a contradição? Ora este contra-herói existe: é o leitor de texto; no momento em que se entrega a seu prazer. Então o velho mito bíblico se inverte, a confusão das línguas não é mais uma punição, o

sujeito chega à fruição pela coabitação das linguagens, que trabalham lado a lado: o texto de prazer é Babel feliz. (BARTHES, 2004, p. 7-8)

Uma das prioridades da escola deve ser transformar esse quadro e, para isso, é necessário que haja uma seleção cuidadosa com relação ao material destinado às aulas de leitura. Além de escolher entre texto informativo ou recreativo, é fundamental pensar na qualidade do material que será utilizado. Por tratar-se de obras escritas por adultos, para crianças e adolescentes, a literatura infanto-juvenil deve sofrer ajustamentos no que se refere a: assunto, estrutura da história, estilo, forma e aspectos externos. Quanto ao assunto, não há restrições desde que o tema abordado sofra as devidas adaptações ao universo e aos interesses do pequeno leitor. O texto deve ajudar na integração do sujeito à realidade ao mesmo tempo em que o torna crítico frente às questões relacionadas com o mundo a sua volta:

É necessário que a figura do herói, à qual o leitor se identificará projete a imagem de uma criança empreendedora, que age e instiga as demais personagens à ação. Sua trajetória a levará ao amadurecimento, à descoberta de valores na não à simples aceitação da norma adulta. (AGUIAR, 1986, p. 87)

Com relação à estrutura da história, Aguiar afirma que o modelo dos contos de fadas é o mais adequado, tendo demonstrado grande aceitação junto ao público infantil por haver um conflito inicial que é resolvido ao final da história. É importante salientar a necessidade do final feliz em relatos infantis, pois essa é a forma pela qual as crianças adquirem a autoconfiança necessária para o enfrentamento com a vida adulta. Essa é a principal razão pela qual os contos de fadas fazem su-

cesso junto a esse público, pois eles são a mais pura expressão dos processos psicológicos pelos quais a criança passa:

Nos mitos, lendas ou qualquer outro material mitológico mais elaborado, atingimos as estruturas básicas da psique humana através de uma exposição do material cultural. Mas nos contos de fadas existe um material cultural consciente muito menos específico e, conseqüentemente, eles espelham mais claramente as estruturas básicas da psique. (...) cada conto de fadas é um sistema relativamente fechado, composto por um significado psicológico essencial, expresso numa série de figuras e eventos simbólicos, sendo desvendável através destes. (FRANZ, 1990, p. 9-10)

Quanto ao estilo, o texto deve oferecer uma linguagem adequada ao nível de compreensão infantil. É necessário que o vocabulário seja acessível à criança sem ser infantilizado, com a inserção de palavras e expressões cada vez mais complexas, que contribuam para o aumento do universo lingüístico dos leitores. A forma deve apresentar narrativas dinâmicas e lineares, textos de ação e aventura que sigam a cronologia da história. Os aspectos externos também são importantes. É bom que as capas sejam atraentes e sugestivas, não se danificando facilmente e quanto menores forem os leitores, maiores devem ser os tipos gráficos. Além disso, devem ser evitados os livros extensos demais, pois as crianças tendem a rejeitar textos muito longos. As ilustrações também são de extrema importância, especialmente entre os leitores menores. Há cada vez mais empenho na produção de textos infanto-juvenis adequados, o que, de certa forma, facilita o trabalho de professores e mediadores de leitura.

Nesse sentido, as pesquisas na área da leitura contribuem de modo sensível no auxílio aos pais e mestres preocupados com a formação leitora de seus filhos e

alunos, pois proporcionam uma maior compreensão do processo pelo qual passam os pequenos em cada idade, bem como seus gostos e interesses de leitura. Há, ainda, trabalhos de pesquisa envolvendo leitura e ensino, com vistas ao preenchimento de certas lacunas deixadas pela escola em virtude dos fatores anteriormente analisados. Dessa forma, temos a possibilidade de uma inclusão no mundo da leitura, de crianças que, de outra maneira, não teriam acesso a textos literários variados e a experiências enriquecedoras envolvendo o contato com a arte literária. Tais vivências tornam possível a “escritura” de uma história de leitores e o encontro de significados simbólicos existenciais que tornarão as crianças mais preparadas para a vida, levando-as a um equilíbrio emocional e aprimoramento intelectual que, de outra forma, seria mais difícil.

1.6 Uma experiência de formação leitora nas classes populares

Uma das iniciativas nesse sentido, que podemos citar, é o projeto intitulado Centro de Literatura Interativa da Comunidade — CLIC, concebido e coordenado pela professora Vera Teixeira de Aguiar, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Esse trabalho, com grande poder integrador, é desenvolvido em uma sala cedida ao projeto, em um centro de extensão da universidade na Vila Nossa Senhora de Fátima, Região Leste de Porto Alegre. Nessa sala, foi instalado um espaço de promoção da leitura composto por uma biblioteca de aproximadamente

mil livros, além de quatro computadores, impressora, *scanner*, televisão e videocassete.

O espaço é todo pensado de forma a proporcionar experiências agradáveis e enriquecedoras às crianças, com mesas e almofadas, além de outros elementos, tais como reproduções de pintura e materiais diversos para trabalhos artísticos vinculados à leitura, propiciando um ambiente mais repleto de possibilidades. As oficinas acontecem diariamente, em dois turnos, inversos ao escolar, com duração de 01h30min, atendendo a crianças da comunidade que possuem entre sete e quatorze anos.

Esse projeto teve início no ano de 1996, a partir de um trabalho de conclusão de curso da aluna de Psicologia Marília Papaléo Fichtner, já formada em Letras, que foi orientada pela professora Vera Aguiar. Desse trabalho de pesquisa, surgiu a idéia de um projeto maior, que foi aprovado pela CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, e que se mantém até hoje, atendendo aos jovens da comunidade entre os meses de março a dezembro, com a colaboração de bolsistas em nível de graduação e de pós-graduação, inclusive Mestrado e Doutorado, além de alunos voluntários.

Os estudantes são levados diariamente (um ou dois oficinairos) por um micro-ônibus da PUCRS até o local onde acontecem as oficinas, que são as mais variadas, dentre elas: literatura e contação de histórias, literatura e teatro, literatura e música, literatura e computador, literatura e biblioteca, e outras mais, dependendo

das habilidades do monitor. Na oficina de literatura e biblioteca, é simulada uma situação em que as crianças vão consultar ou retirar livros, para que aprendam, através de experiência própria, como se movimentar dentro de uma biblioteca e, além disso, para que conheçam livros com os quais elas dificilmente teriam contato, como os de arte, por exemplo.

O objetivo maior do trabalho é o livro e, portanto, qualquer uma das oficinas deve ter como ponto de partida a leitura de obras literárias e, após percorrer o seu caminho, a elas voltar, fazendo com que as crianças tenham um outro tipo de experiência literária, diferente da que possuem na escola, que é baseada em leituras obrigatórias para aquisição de notas. Dessa forma os participantes da oficina têm a oportunidade de uma vivência com livros de literatura que contribuirá fortemente para a ampliação de seus horizontes de expectativas, tornando-os mais preparados para a vida e proporcionando-lhes algo que se poderia chamar de inclusão, de fato, no mundo das letras. Tal inserção vai além da pura capacidade de decodificar, de ler mecanicamente, possibilitando uma capacidade de atribuir significados aos textos lidos.

Além dessas atividades, há os Encontro Culturais, que são reuniões que ocorrem uma vez por mês, com a presença de algum convidado da área do livro, da leitura ou outras relacionadas, que vai à vila para uma conversa com as crianças. Entretanto, é importante salientar que, para recebê-lo, é feito todo um trabalho de preparação com as crianças, para que elas tenham contato prévio com o material cultural produzido pelo convidado em questão, para que tenham condições de fazer per-

guntas e conversar com o visitante. Essa atividade proporciona-lhes a apropriação de um objeto cultural que resulta em um comportamento que, até então, não pertencia ao seu universo, fazendo com que discorram sobre obras literárias e seus respectivos autores com a intimidade de quem conhece. Através dessas experiências, as crianças passam a ter contato com uma vivência cultural sobre a qual não tinham conhecimento, pois não faz parte da comunidade em que vivem.

Outro trabalho importante do CLIC são os cursos de formação de professores, pois isso faz com que a idéia de inclusão no mundo da literatura se multiplique e ganhe uma maior abrangência, já que proporciona aos professores envolvidos a possibilidade de experimentar algo que a sociedade espera que eles sejam capazes de levar aos seus alunos, mas com o qual não costumam ter contato. Dessa forma, podemos pensar em um início de transformação, também, no âmbito escolar, pois professores mais preparados serão mais capazes de fazer com que seus alunos, ainda que em situações adversas, tenham mais chances de virem a se tornar leitores assíduos.

Acreditamos que esse tipo de trabalho, através da criação de novas oportunidades de contato com a cultura letrada, propicie a esses indivíduos um aprimoramento de si próprios em sua condição humana, pois ao verem o seu pequeno mundo ser ampliado, ao entrarem em contato com um novo universo, perceberão que podem ir além daquilo que lhes é familiar, que podem “ganhar o mundo” e, dessa forma, serão levados a uma transformação de postura frente à vida que fará com que já não aceitem mais, de maneira passiva, uma situação que lhes seja incômoda,

pois saberão que existe uma nova realidade a ser conquistada e objetivos pelos quais podem lutar.

2 SOBRE A PESQUISA

2.1 Tipo de pesquisa

Entendemos que uma metodologia de pesquisa deva pressupor um posicionamento crítico das vias percorridas no processo científico, questionando continuamente seus limites e possibilidades, servindo como um instrumento a serviço da pesquisa, no qual toda questão técnica implique uma discussão teórica. Optamos pelo método qualitativo por acreditarmos que esse seja mais adequado a uma proposta de pesquisa que pretenda levar em conta a interação das subjetividades dos indivíduos investigados. Essa forma de pesquisa privilegia a análise de microprocessos, estudando ações que tanto podem ser individuais quanto grupais, através de exame intensivo dos dados obtidos. A heterodoxia, ou seja, a oposição aos padrões, normas ou dogmas estabelecidos, está entre as suas principais características no momento da análise. Nesse tipo de estudo é necessário que haja um grande enfoque na intuição e na imaginação, resultando em um trabalho praticamente artesanal.

É necessário que o objeto de pesquisa seja definido com clareza e precisão, além de conhecimento acerca da aplicação dos fundamentos e dos princípios do

método utilizado. Esse deve valorizar a pesquisa através de determinados procedimentos de obtenção, verificação e sistematização do conhecimento. Conforme nos mostra Roberto da Matta, é necessário que observemos a “interação complexa entre o investigador e o sujeito investigado” (MATTA, 1991, p.23), pois ambos compartilham um universo comum de experiências humanas repleto de diferenças que devem ser acolhidas. É inegável a imensa distância que há entre o objeto de pesquisas sociais, o ser humano, e o objeto de pesquisas da área das ciências naturais, pois o primeiro caracteriza-se por apresentar pontos de vista particulares e uma forma própria de interpretar a realidade que não pode ser desconsiderada, o que não ocorre com o segundo.

Além disso, não há a possibilidade de ignorarmos a história de vida, os ideais e os interesses do pesquisador, bem como o ambiente cultural no qual ele está inserido, ou seja, não há uma pesquisa absolutamente neutra, e a objetividade do trabalho é relativa. Por isso, sabemos que cada pesquisa mostra uma parte da realidade e jamais poderá ser considerada como verdade absoluta. Este estudo pretende diagnosticar a situação de leitores do Ensino Fundamental, pertencentes às classes populares. Nossos objetivos são investigar o perfil do jovem leitor da 5ª série das classes populares no que se refere às suas histórias e interesses de leitura, além de apontar elementos que possam servir como ponto de partida para futuras alternativas de progresso na formação leitora de jovens de classes populares. Embora a perspectiva por nós adotada nesta pesquisa seja a social, sabemos que há outros fatores implicados na questão da formação de leitores, e que o ato de ler pode ser

explicado sob diversos pontos de vista. Por isso, não pretendemos esgotar o assunto, ao contrário, estamos muito longe disso. Todavia, entendemos que o fator social esteja entre os mais importantes e entre os que mais devam ser levados em conta no momento de pensarmos em ensino de leitura.

2.2 Universo e *corpus*

O universo escolhido para a pesquisa foi o de estudantes que integram as classes populares. A opção por esse *corpus* ocorreu pelo fato de que nos é o mais familiar em virtude de trabalhos anteriores com oficinas de leitura voltadas para esse público. Preferimos a 5ª série porque entendemos que essa é uma fase adequada para uma pesquisa que visa contribuir como um possível ponto de partida para a elaboração de metodologias de ensino da literatura. Isso pelo fato de que esses alunos já não são mais tão pequenos e já devem possuir alguma experiência no que se refere à leitura por já terem cursado as séries iniciais do Ensino Fundamental. Por outro lado, ainda não têm idade nem vivência suficientes para estarem absolutamente formados como leitores, podendo, dessa forma, mostrar possibilidades de caminhos a serem trilhados para que possamos formar mais leitores, o que seria mais difícil com alunos mais velhos e mais experientes, que, por certo, já possuem as suas idéias pré-concebidas sobre a leitura.

Os vinte e sete alunos entrevistados estudam na turma 52 da Escola Estadual de Ensino Fundamental Visconde do Rio Grande, localizada no bairro Cavallhada. Embora o bairro componha-se, na maior parte, por habitantes da classe média, a escola atende a alunos moradores de duas vilas populares próximas, conhecidas como Funil e Cai-cai. São, portanto, crianças de baixo poder aquisitivo e, conseqüentemente alijadas da cultura letrada e das vantagens sociais da classe média. Possuem, em sua maioria, entre onze e doze anos, ainda que dois deles sejam mais velhos, tendo quatorze anos. A escola não possui computadores disponíveis aos alunos, mas alguns deles contaram que conhecem a internet por meio de uma *lan house* que freqüentam eventualmente. As crianças mostraram-se, de início, ariscas e, após a explicação sobre o procedimento e os objetivos da pesquisa, tornaram-se mais receptivas.

2.3 Instrumento de pesquisa

A entrevista foi aplicada por meio de um roteiro de dezoito perguntas que se encontra em anexo. Nesse roteiro encontram-se questões que investigam suas histórias e interesses literários, bem como o comportamento de leitor através do ambiente, tanto familiar quanto escolar, em que essas crianças estão inseridas e onde elas estão recebendo sua formação leitora. No momento da elaboração do instrumento de pesquisa tivemos a preocupação de obtermos o máximo de informações com o

mínimo possível de perguntas para facilitarmos o trabalho, pois dessa forma não sobrecarregaríamos os alunos no momento da entrevista e, tampouco, ocuparíamos um tempo excessivamente longo da escola.

Ao final do roteiro encontra-se uma questão que, na verdade, não é uma pergunta, mas sim um pedido para que os alunos contem uma história de que se lembrem naquele momento e de que gostem muito. Com essa questão pretendemos inteirar-nos acerca dos conhecimentos prévios dos jovens sobre os textos literários e descobrir um pouco sobre suas capacidades de organizarem uma narrativa em início, meio e fim, pois isso ajudará a demonstrar se os alunos tiveram e/ou têm contato com a literatura, tanto através de histórias ouvidas, quanto lidas.

2.4 Processo de pesquisa

A pesquisa compõe-se de uma parte teórica e outra prática. A primeira considera a leitura sob o ponto de vista social, com enfoque nas histórias de leitura. A segunda parte de uma coleta de dados em uma escola pública de Porto Alegre através de uma entrevista oral, para diagnosticar a situação da leitura nas classes populares, mais especificamente, entre uma amostra de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental. A técnica de entrevista foi escolhida em vez de um questionário escrito por acreditarmos que dessa forma estaríamos mais perto dos entrevistados, podendo observar suas reações. Foi realizada, em um primeiro momento, uma tes-

tagem, em cinco alunos, das perguntas que integram o roteiro de pesquisa. Ao constatarmos que não havia dificuldades dos estudantes no sentido de compreenderem bem as questões, partimos para a pesquisa propriamente dita, que foi feita em duas tardes, com a autorização da vice-diretora.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para facilitar a análise dos dados, que se organizam de acordo com os tipos de respostas fornecidas pelas crianças. Logo após o preparo dos dados é feita uma análise do *corpus*, que resulta no levantamento dos resultados obtidos, que devendo ser interpretados à luz da teoria exposta na primeira parte da pesquisa. A partir da interpretação dos dados é feita a conclusão do processo de pesquisa, na qual efetuamos as respostas às questões norteadoras, atendendo aos objetivos propostos.

3 SOBRE OS DADOS LEVANTADOS

Ao efetuarmos as perguntas aos alunos, procuramos tomar o cuidado de não interferir em seus posicionamentos, pois percebemos que há uma tendência por parte das crianças de tentarem descobrir, através dos sinais que damos, qual é a “resposta certa”, ou seja, alguns deles tentam responder o que, supõem, o adulto que está em sua frente quer ouvir e não o que eles pensam de verdade. Por isso, optamos por manter uma posição de neutralidade a fim de evitar uma interferência involuntária nos efeitos obtidos. Dessa forma, em alguns momentos, há afirmações tais como: “não me lembro” ou “não sei” e, nesses casos, optamos por não “forçar” um resultado. Também procuramos não interferir na maneira escolhida pelos alunos para contarem a história solicitada na questão 18, pois entendemos que, dessa forma, eles teriam mais liberdade, sentindo-se menos intimidados pela presença de um adulto que, para eles, poderia estar interessado em avaliar o seu desempenho, o que sempre pode inibir. O roteiro de perguntas sonda três aspectos que consideramos importantes na formação leitora dos indivíduos: suas histórias de leitura, seus interesses de leitura e seus comportamentos de leitura, bem como os daqueles que os cercam, em casa e no ambiente escolar.

3.1 Histórias de leitura

Com relação às histórias de leitura foram feitas as seguintes perguntas:

- Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?
- Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?
- Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?
- Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?
- Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.

Quanto ao hábito de ouvir contos infantis em casa quando pequenos, apenas cinco crianças disseram que ninguém lhes contava histórias, outras quatro, que afirmaram vivenciar tal experiência frequentemente, não foram capazes de dizer quem era o adulto que lia ou apenas repetia histórias conhecidas para elas. Um dos alunos mencionou que assistia “histórias” na TV, enquanto outro disse que ouvia histórias do Bicho-Papão, os demais alunos disseram que não tiveram essa experiência em casa. A figura que aparece como a grande contadora de histórias é a da

mãe, entretanto há outros integrantes da família, como pai, avós, irmãos e tias que também surgem, embora com frequência mais reduzida.

Entre as crianças que afirmaram ouvir histórias quando pequenas, cinco não conseguiram dizer o nome de seus contos preferidos, alegando não lembrar ou, ainda, dando apenas o nome de uma personagem da história, como o Lobo Mau, sem dizer a que conto se refere. Foi possível perceber que há muitas repetições, entre as histórias citadas, de contos clássicos que se tornaram populares no cinema e/ou nos gibis, como *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Os três porquinhos*, *A bela adormecida* e *Chapeuzinho Vermelho*. Ao perguntarmos aos alunos sobre suas histórias preferidas, deparamo-nos novamente com as repetições de histórias anteriormente mencionadas. Entretanto, além desses contos de fadas, as crianças aludiram, também, a *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Outra história citada repetidas vezes foi *Os três porquinhos*, sendo que um dos informantes mencionou, no decorrer da pesquisa, o fato de esse conto ter sido trabalhado em sala de aula. Algumas crianças apontaram nomes das personagens Saci Pererê e Mula-sem-Cabeça, remetendo novamente ao *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Com relação à pergunta sobre se já ganharam livros de presente, onze crianças afirmaram nunca terem ganhado, em nenhuma ocasião, enquanto outras duas disseram não recordar ou não saber. Entre os entrevistados que alegaram já terem ganhado tais presentes, cinco não mencionaram se o fato ocorreu em alguma data especial, três ganharam no Natal e seis no aniversário. As obras eleitas pelos alunos, bem como as razões para tal escolha são as seguintes: *Cinderela*, porque a his-

tória é bonita e a criança disse que gostaria que acontecesse consigo; *102 dálmatas*, porque gostou dos cachorros, e *Soldadinho de chumbo*, porque “é legal de ler”.

Houve alunos que demonstraram suas preferências sem mencionarem a razão, apenas citando a obra *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* e o poeta Mário Quintana, ou, ainda, os que fizeram referência a personagens preferidos, como: Harry Potter, porque “é divertido, bacana e legal” e vive muitas aventuras; Megamen, porque é de ação; Mula-sem-Cabeça, porque é “engraçada e divertida” e Saci Pererê, porque a personagem “gostava de aprontar com todo mundo”. Uma das crianças declarou preferir a história da princesa, pois é cheia de aventuras, entretanto, não há referência a nenhuma obra em especial e, portanto, não sabemos de que princesa se trata, enquanto outra afirmou que o livro de que mais gostou foi o de Inglês, pois gosta muito dessa disciplina.

Quanto aos hábitos de leitura em casa, foi perguntado aos alunos se os pais costumam comprar livros e se costumam ler com frequência. Uma criança afirmou que eles compram, mas não lêem; 15 disseram que os pais não compram, mas lêem; quatro alunos declararam que os pais não compram livros e tampouco lêem, enquanto outros quatro, ao contrário, garantiram que os pais compram e lêem livros. Outros três alunos forneceram respostas vagas, tais como: “eles têm muito, eles que me ensinaram”, “às vezes” e “jornal, revista, livro”. Houve menção a leituras de livros espíritas e ao jornal *Diário Gaúcho*.

Na última pergunta relacionada às histórias de leitura dos alunos, foi pedido que eles citassem o livro de que mais se recordassem e explicassem o porquê. Mais uma vez houve quem fizesse menção a personagens em vez de obras literárias. Os livros e personagens lembrados pelos jovens foram: Mula-sem-Cabeça, Harry Potter, *Branca de Neve*, *Pássaro sem cor*, *Pequeno Polegar*, *Um cadáver ouve rádio*, *Um dia daqueles*, *Soldadinho de chumbo*, *Cinderela*, *O santinho* e *O velho e o mar*. As razões apresentadas pelas crianças para suas preferências por determinadas obras ou personagens foram o fato de serem vividas muitas aventuras; porque a mãe lia quando eram pequenos ou porque ela assustava com o Lobo Mau; porque são histórias tristes; porque a personagem sofreu, mas conseguiu o que queria; porque a história falava sobre a vida em uma escola ou, ainda, porque viu o filme no cinema e gostou, como no caso de Harry Potter. Oito alunos não foram capazes de recordar nenhuma obra, enquanto outros seis que mencionaram alguma história em especial não conseguiram explicar a razão da preferência. Treze entrevistados foram capazes de fornecer a resposta completa.

Não podemos deixar de vincular às histórias desses leitores, os seus interesses com relação à leitura, pois, é a partir desse conhecimento, que poderemos pensar em estratégias de inclusão desses alunos no mundo da palavra escrita. Não é possível a concepção de uma história de leitura se não levarmos em consideração o que emociona, o que encanta e o que desperta a atenção das crianças. Por essa razão, um dos itens analisados em nossa pesquisa diz respeito aos interesses de leitura dos entrevistados e, sobre isso, trataremos a seguir.

3.2 Interesses de leitura

No que se refere aos interesses de leitura foram feitas as seguintes perguntas:

- Quais são teus divertimentos preferidos?
- Que tipo de leitura tu preferes?
- Teus professores indicam livros de histórias e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?
- Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?
- Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre a fantasia? Por quê?
- Se tivesses que comprar um livro agora, qual seria?
- Conta uma história de que gostes muito.

Ao serem questionados sobre seus divertimentos preferidos, somente quatro alunos não mencionaram um ou mais tipos de atividades físicas e apenas duas crianças disseram que têm na leitura seu melhor passatempo. Os tipos de leitura prediletos variam, pois alguns dizem preferir aventura, outros terror ou ação e outros, ainda, suspense. Há, também, os que optam por textos narrativos e os que escolhem

os gibis, mas os grandes campeões de preferência são os poemas, sendo citados por 11 alunos dentre os 27 investigados. Quanto às recomendações de leitura dos professores, vinte e quatro alunos asseguraram que os mestres indicam livros, enquanto outros três disseram que não. Os preferidos, entre os recomendados na escola, estão os de Mário Quintana.

Sobre as atividades após a leitura, três alunos afirmaram que os professores não propõem tarefa alguma, enquanto os demais mencionaram os mais variados tipos de exercícios, tais como perguntas, resumos, trabalhos com biografia, “rascunho do livro”, desenho, caça-palavras e “ver os personagens”. Além disso, foram citadas muitas atividades físicas e, até mesmo, a própria disciplina de Educação Física, o que nos faz pensar que talvez essa aula aconteça após a de Língua Portuguesa. Quanto às suas atividades preferidas, os alunos citaram com maior frequência os questionários, os resumos e as “invenções de histórias”. Não foi mencionado pelas crianças nenhum tipo de atividade lúdica após a leitura das obras literárias.

Ao pedirmos que os alunos optassem entre livros que tratem de realidade ou de fantasia, verificamos que as opiniões ficam divididas, com uma pequena vantagem para a realidade, que tem a preferência de 12 crianças, enquanto a fantasia é a escolha de 10. Entre as razões alegadas pelos que preferem a realidade estão: “porque é mais divertido”; “porque pode acontecer” ou “porque é o que acontece”; porque o sujeito “fica mais pronto para a vida” ou, simplesmente, “porque é melhor”. As razões dos defensores da fantasia são: “porque desperta a imaginação”; “para viajar na história”, porque “é mais interessante para mim”; “porque lendo parece

que a gente tá lá”; “para sair da realidade” e, finalmente, “porque é mais divertido”. Dois alunos disseram que gostam tanto dos textos que tratam de realidade quanto dos que abordam a fantasia, um porque gosta muito de ler e o outro porque acha as duas formas de tratar a literatura divertidas. Os três restantes não apreciam nem realidade, nem fantasia, pois afirmaram não gostar de ler.

Ao responderem sobre o livro que comprariam, os alunos demonstraram mais uma vez a sua preferência pelo poeta Mário Quintana, pois ele foi o escolhido entre cinco crianças, empatando somente com os alunos que não sabem que livro comprariam, já que esses também foram cinco. O único livro de Quintana que foi citado foi *Pé de pilão*. Em segundo lugar estão empatados o autor Monteiro Lobato, sendo que muitas crianças lembram bastante de suas personagens em vez de recordarem os títulos de seus livros, e as obras *Os três porquinhos* e *Branca de Neve*, que tiveram dois “votos” cada. Os demais alunos escolheram obras como: *Harry Potter e a ordem da fênix*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Soldadinho de chumbo*, *Um dia daqueles*, *A bela e a fera* e *Aladim*. Os autores citados como possíveis de terem seus livros comprados foram: Shakespeare, Marcos Rei e Erico Verissimo.

Ao final, foi solicitado que os alunos contassem uma história de que gostassem muito. O conto *Os três porquinhos* foi o mais relatado, tendo sido o escolhido entre onze crianças, enquanto outras onze alegaram não saber contar ou não lembrar de nenhuma história. Um aluno contou *O velho e mar*, de Ernest Hemingway, entretanto modificou o final, tornando-o mais feliz. Outro contou a história clássica *Chapeuzinho Vermelho*. A personagem Harry Potter foi mencionada, sem referên-

cia aos títulos de nenhuma obra, por um aluno que disse ter gostado muito da história, mas não sabia contá-la. A obra *O gato de botas* e a personagem das histórias em quadrinhos Mônica, criada por Maurício de Souza, foram lembradas por outras duas crianças que também declararam não saber contar o que leram. Entre os alunos que contaram as histórias solicitadas no roteiro, seis o fizeram de forma completa, com início meio e fim, enquanto os outros cinco o fizeram de maneira incompleta, omitindo alguma parte importante da narrativa; dois alunos modificaram os finais e somente outros dois não foram capazes de imprimir coerência ao que narraram.

Ao analisarmos os interesses desses leitores, estamos aos poucos entrando na esfera das suas condutas, tanto no que se refere aos seus próprios comportamentos quanto aos daqueles que os rodeiam, pois, a partir de seus gostos e anseios literários, se formará a sua personalidade de leitores. Por isso, ao analisarmos os interesses, chegaremos aos comportamentos e esses nos levarão de volta a formação de uma história de leitores, formando um todo que, para ser compreendido, deve ser analisado em suas partes. O comportamento quanto à leitura é a próxima etapa do trajeto.

3.3 Comportamentos de leitor

Quanto aos comportamentos em relação à leitura, tanto das crianças quanto das pessoas que as rodeiam, foram feitas as seguintes perguntas:

- Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?
- Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?
- Tu frequêntas a biblioteca escolar? Frequêntas alguma outra biblioteca?
- Como é a biblioteca de tua escola?
- A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?
- Há livros em tua casa? Quais?

Quando perguntados sobre seus hábitos de leitura, dentre os 27 alunos pesquisados, somente cinco disseram não possuir o costume de ler com frequência. Ao perguntarmos qual teria sido a quantidade de livros lidos no ano anterior, duas crianças afirmaram não se recordar ou não saber a quantidade exata. Observamos, no entanto, declarações bastante exageradas, pois quase todos os jovens disseram ter lido em torno de 12, 13, 14,22,25 ou, até mesmo, 50 livros no ano anterior. Quanto

à participação da escola em sua formação leitora 15 crianças demonstraram não sentir nenhum empenho dessa instituição no sentido de fazê-los gostar de ler, oito acreditam que a escola se esforça para torná-los leitores e um aluno demonstrou que esse comprometimento escolar com a leitura é algo que ele define vagamente como “mais-ou-menos”. Há, ainda, outros três alunos que disseram não saber responder se há ou não envolvimento por parte da escola na formação leitora dos alunos. Entre os que responderam positivamente, foram alegadas razões tais como: “porque tem bastante livros na biblioteca”, “porque é uma escola muito boa” e “porque compram livros”.

Sobre a frequência dos alunos à biblioteca escolar, constatamos que 16, ou seja, mais da metade dos 27 pesquisados, não a frequentam, enquanto 11 crianças disseram que a visitam regularmente. Com relação a outras bibliotecas, o número dos que não comparecem aumenta ainda mais, pois 23 informantes disseram que não vão a nenhum tipo de biblioteca fora da escola e somente três responderam que vão, enquanto um último preferiu um caminho intermediário, dizendo que frequenta alguma outra biblioteca além da escolar “às vezes”. Ainda com relação à biblioteca da escola, ao perguntarmos como é esse local, obtivemos um posicionamento neutro por parte de 14 crianças, que responderam dizendo que nunca entraram, portanto não fizeram comentários nem positivos e nem negativos, ou, então, responderam que a biblioteca é grande e possui livros, o que não revela se esses alunos possuem uma visão favorável ou não à biblioteca escolar, já que eles apenas limitaram-se a descrevê-la ou a dizer que jamais a conheceram.

Todavia, 11 alunos afirmaram que a biblioteca escolar é boa e apenas duas crianças responderam de forma negativa, alegando que ela quase não possui livros. Quanto ao empenho da biblioteca escolar no sentido de promover atividades que incentivem a leitura, a maioria das respostas foram negativas, pois 19 alunos afirmaram que a biblioteca da escola jamais promove tais trabalhos lúdicos com a leitura. Seis crianças disseram que sim, que a biblioteca promove essas atividades, entretanto não foram capazes de explicar de que forma isso ocorre. Houve, ainda, dois alunos que se mantiveram neutros, preferindo uma resposta evasiva, isto é, um “não sei”. Perguntamos, finalmente, sobre a existência ou não de livros nas residências das crianças e obtivemos 20 respostas favoráveis, enquanto apenas sete alunos disseram que não há livros em suas casas. Porém, constatamos que a grande maioria dos jovens que disseram haver livros em casa não foram capazes de responder quais são os títulos que compõem suas bibliotecas particulares.

Entendemos que com esses dados é possível traçarmos de forma razoável o perfil dos alunos entrevistados, bem como conhecermos as suas imagens de leitura e, finalmente compreendermos o papel da escola em sua formação leitora. Para isso, faz-se necessário o entendimento de que os três elementos investigados através do roteiro de entrevista, história de leitores, interesses de leitura e comportamentos de leitor relacionam-se entre si, estabelecendo uma correspondência mútua. Dessa forma, uma informação sobre a biblioteca escolar, por exemplo, pode estar relacionada tanto com o perfil de leitor, porque demonstrará o seu comportamento em relação a ela; com a imagem de leitura, pois esse ambiente tem grande importância na

visão que temos da leitura; e no papel da escola, já que, na maioria das vezes, nosso primeiro contato com a instituição biblioteca se faz na escola. Assim sendo, tentaremos relacionar todos esses elementos, ao mesmo tempo em que faremos a análise separadamente.

4 SOBRE OS LEITORES

4.1 Perfil dos leitores

Consideramos que, para traçar o perfil de uma determinada pessoa ou de um grupo, seja necessário que se faça a sua descrição em traços que ressaltam suas características básicas, informando de maneira concisa sobre sua vida. O perfil traçado nesse estudo diz respeito, obviamente, às características básicas de leitores das crianças entrevistadas. Para tal, levamos em consideração as informações acima descritas acerca de suas histórias e interesses leitura, e sobre os comportamentos relacionados a esse ato, seus e dos que os cercam. Tentamos descobrir o significado que há por detrás de cada informação coletada e descrita, pois só assim somos capazes de compreender a forma pela qual esses indivíduos experienciam a leitura em suas vidas.

Inicialmente, o que percebemos diz respeito a todas as crianças, de um modo geral, independente de suas classes sociais, ou seja, a mãe é mencionada como a contadora de histórias titular, sendo seguida pelos demais membros da família. Tal fato, em um primeiro momento, parece-nos positivo, pois os alunos demonstram

ouvir histórias em casa, o que seria reforçado pelo fato de apenas cinco alunos terem dito que ninguém lhes proporcionava tal experiência. Além disso, ao associarem o gesto de ouvir histórias com a figura da mãe, imprimem afetividade a tal experiência, fazendo com que a leitura seja vista como algo apazível.

Entretanto, quando observamos atentamente as informações obtidas, percebemos que as crianças entrevistadas parecem não possuir muita familiaridade com a contação de histórias, pois algumas não conseguem dizer quais eram os adultos que exerciam essa função e entre as que mencionam mãe ou outros familiares, várias não são capazes de dizer qual é o seu conto preferido ou confundem nomes de personagens com títulos de histórias infantis, o que demonstra uma falta de intimidade com a literatura. Além disso, houve muitas repetições entre as histórias citadas, sendo que, durante a entrevista, um dos alunos mencionou o fato de que elas teriam sido trabalhadas em sala de aula e, portanto, tais histórias não teriam sido conhecidas no âmbito familiar, conforme foi mencionado pelos entrevistados.

Assim, percebemos algo que nos parece muito preocupante, ou seja, essas crianças conseguem ter a percepção de que há alguma atitude que a sociedade da qual fazem parte espera deles, mas que, no entanto, elas não têm e, dessa forma, “inventam” uma realidade que, lhes parece, será mais agradável aos olhos de quem os está entrevistando. Todavia, essa consciência por parte desses indivíduos de que vivem em uma sociedade que valoriza a leitura não parece ser suficiente para que se tornem, de fato, leitores. Há, nesse caso, um duplo prejuízo psicológico para esses alunos, pois, por um lado, eles se sentem inferiorizados em razão de não serem

capazes de corresponder ao que se espera deles, afetando, dessa forma, a sua autoestima e, por outro, são privados do encontro com os significados existenciais simbólicos mencionados por Bettelheim (1980), já que, segundo esse autor, a leitura é de fundamental importância nesse sentido, durante a adolescência.

A hipótese de que as crianças não têm, de modo geral, convívio doméstico com a leitura é reforçada em virtude de que, ao serem questionadas sobre o costume de ganharem livros, a metade das respostas foi negativa e, na outra metade, também ocorreu o fato de os alunos não conseguirem dar certas explicações, tais como a ocasião em que ganharam o presente, quem deu e qual o título do livro ganho de que mais gostaram. Além disso, em outra questão, a grande maioria das crianças revelou que os pais não costumam comprar livros com frequência. É certo que pode haver muitas causas para a mesma situação, no entanto, entendemos que um dos motivos para que não se comprem mais livros é o financeiro, aliado à falta de hábito de leitura por parte dos pais das crianças, que também foram, e continuam sendo, vítimas de uma cultura do “não ler” e de todo um conjunto de fatores que os faz terem de escolher os caminhos mais fáceis, que impliquem menores gastos.

O fato é que, dificilmente, se for necessária uma escolha entre despesas para sustentar a família e entre a compra de um livro, esse último vencerá e, portanto, não se formará o costume da aquisição de livros, a não ser que haja uma mudança na cultura familiar, o que não será possível se não houver um empenho, por parte dos profissionais envolvidos com a formação leitora, no sentido de enfrentar a situação de modo a transformar essa realidade. Isso se faz necessário porque as priva-

ções socioeconômicas contribuem para o afastamento entre leitores e livros, comprometendo o crescimento emocional, psicológico, intelectual e social daqueles que estão condenados a viverem isolados no gueto cultural dos não leitores. Sabemos do valor social da leitura, que faz com que os indivíduos que a praticam, ao mesmo tempo em que organizam o seu caos interior, contribuem para uma organização coletiva que colabora de forma decisiva para a “saúde” da sociedade em que vivem.

Outro elemento importante a ser levado em conta é o fato de que houve menção por parte dos alunos a histórias assistidas na televisão, no cinema e a contos lidos nos gibis, além da referência ao super-herói Megamen, em vez de citarem livros de literatura, o que não temos a intenção de criticar, apenas de demonstrar que há, por parte dos entrevistados, uma familiaridade maior com histórias que compõem a cultura de massa do que com a literatura propriamente dita, o que já havia sido demonstrado por Aguiar (1979), referindo-se ao ambiente escolar. Acreditamos que esse seja um ponto delicado, pois, quando um determinado indivíduo é submetido apenas a esse tipo de cultura, pode haver uma tendência à não formação de uma postura crítica frente ao mundo, o que seria facilmente alcançado através da leitura.

No que se refere às preferências dos jovens entrevistados, deparamo-nos com a questão da prioridade das crianças por atividades físicas, o que pode ser explicado pelo excesso de energia dos indivíduos durante a fase da pré-adolescência. Obviamente, essa não é uma questão de ordem social. Entretanto, percebemos que esse fato, associado à falta de um ambiente propício ao desenvolvimento do hábito de

ler, pode ser bastante prejudicial, pois os jovens que possuem uma condição econômica mais favorável têm maiores condições de entrar em contato com os livros, ainda que possuam uma tendência a preferirem atividades físicas.

Não pretendemos com isso, desconsiderar a importância inegável das atividades físicas, que representam para a saúde do corpo, tanto quanto a leitura para a saúde psicológica. Apenas entendemos que é importante que, além desse tipo de lazer, e associado a ele, as crianças tenham contato, também, com a oportunidade de enriquecimento pessoal que a leitura proporciona, ampliando seu leque de oportunidades. Acreditamos que todas as formas de lazer sejam válidas e nenhuma deva excluir a outra, entretanto, sabemos que, aqueles que não têm muitas opções, por limitações econômicas, podem ter na leitura uma porta aberta para o mundo. Além disso, as pessoas que possuem uma condição econômica melhor podem utilizar-se de outras formas de ampliação de horizontes a que os menos favorecidos não têm acesso, como viagens, escolas melhores e professores mais bem preparados.

Ao serem questionados quanto ao livro de que mais se recordam, explicando as razões, os alunos mencionaram, além dos mesmos contos que vinham sendo repetidos, a personagem Harry Potter, um livro do escritor Luís Fernando Veríssimo, que também, segundo nos informaram os alunos, foi trabalhado em sala de aula, e *O velho e o mar*. As razões para as escolhas que fizeram foram bastante significativas, pois revelam muito sobre suas naturezas, o que é de muita importância quando pensamos em táticas a serem utilizadas na formação de leitores. Dentre as causas mencionadas está a questão de as personagens viverem muitas aventuras, vindo ao

encontro do quadro de interesses de leitura apresentado por Richard Bamberger (2005), segundo o qual, na idade entre 12 e 14 ou 15 anos, os jovens estariam interessados em livros de aventura, pois esta seria a “idade da história de aventuras: realismo aventuroso ou a fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo” (BAMBERGER, 2005, p. 34-35).

Há, ainda, as razões emocionais para justificar a escolha, o que podemos considerar como o *sensacionalismo barato*, de que fala Bamberger. Tais razões são as seguintes: a mãe lia quando eram pequenos, são histórias tristes e a personagem sofre, mas, ao final, consegue alcançar o seu objetivo. Além disso, parece-nos que é importante para os jovens, assim como vimos acontecer com os adultos, se enxergarem na obra lida, já que entre os motivos de escolha alegados está o fato de o texto preferido tratar da vida em uma escola, refletindo a realidade do aluno leitor. Acreditamos que esses fatores deveriam ser levados em conta ao se escolherem os materiais a serem utilizados com os alunos em sala de aula. É importante não deixarmos de mencionar que, aproximadamente, a metade dos entrevistados, ou não foi capaz de dizer qual o livro de que mais se recorda, ou não conseguiu explicar qual a razão para a sua escolha.

Tal atitude remete-nos de volta àquela questão anteriormente discutida quanto à falta de contato freqüente desses jovens com a leitura, pois entendemos que essa desarticulação quando se trata de falar sobre suas preferências literárias deve-se a uma vivência leitora de pequenas proporções. Se esses alunos fossem levados a experimentar as histórias que lêem de uma forma mais emocional talvez se tornas-

sem mais interessados quanto às obras lidas, o que pode ser comprovado pelo valor afetivo atribuído aos textos preferidos, pelos alunos que responderam à questão. Ainda sobre as preferências dos alunos pesquisados, e harmonizando-se com o gosto dos jovens por aventuras, há, também a referência a textos de terror, ação e suspense.

Por outro lado, onze crianças referiram o gosto por poesias, o que pode ser explicado em virtude de a escola ter trabalhado recentemente com poemas de Mário Quintana, na ocasião do seu centenário. Foi citado o livro *Pé de Pilão*, desse autor, como tendo sido utilizado em atividades escolares. Entretanto, não podemos deixar de considerar que essas crianças estão em uma fase de intensa aquisição da linguagem, o que colabora no sentido de que elas possam se interessar bastante pela poesia, pois esse gênero é rico em elementos que contribuem para a apropriação da língua por parte delas. Ao analisar um poema infantil de Olavo Bilac, Aguiar (2001) demonstra alguns elementos que chamam a atenção da criança na linguagem. Segundo a autora, o ritmo auxilia na memória, fazendo com que o pequeno leitor retenha determinadas imagens sem necessidade de grande esforço. O uso das imagens de uma forma simples beneficia a elaboração da síntese dos sentidos e as estrofes e versos curtos dizem muito sem precisar de muitas palavras, ajudando a desenvolver a capacidade de síntese das crianças. Dessa forma, há, sem dúvida, uma imensa contribuição da poesia ao enriquecimento lingüístico das crianças.

Quando levadas a optarem entre realidade e fantasia, não há uma definição por parte das crianças, pois doze delas escolhem a primeira e dez optam pela se-

gunda, enquanto as demais disseram que gostam de ambas. Aqui, mais uma vez encontramos elementos que podem favorecer no momento de pensarmos em formas de cativar os leitores, pois os motivos alegados pelos alunos, tanto para defenderem a causa da realidade, quanto a da fantasia, revelam muito sobre suas naturezas, facilitando o trabalho de quem se ocupa com o ensino da leitura. Ao analisarmos detidamente os motivos que levam os alunos a preferirem uma ou outra perceberemos que, na verdade, o que essas crianças buscam são o auto-reconhecimento, “porque pode acontecer”, e o divertimento, “porque é mais divertido”, “porque é mais interessante para mim”.

Com relação a essa oscilação entre realidade e fantasia, podemos explicar com a teoria de Bamberger (2005), segundo a qual essas crianças estariam passando por um momento em que há a “construção de uma fachada prática, realista, ordenada racionalmente, diante de um pano de fundo mágico-aventuresco pseudo-realisticamente mascarado” (p. 34). Nessa fase, a criança, que ainda está ligada à fantasia, sente-se atraída pela realidade porque necessita de algo que lhe possibilite perceber o mundo, ou seja, o que está fora de si mesma, para que consiga deixar de ser autocentrada. A questão de ser divertido aparece em ambas as posições.

Quando perguntamos sobre o livro que comprariam, se pudessem, os alunos mencionam, em sua maioria, o poeta Mário Quintana. Sabemos, conforme já foi referido, que os poemas desse autor foram trabalhados em sala de aula, entretanto, em virtude de tanta repetição em torno desse nome, pensamos que, possivelmente, tal escolha também possa estar relacionada com os fatores mencionados acima. En-

tretanto, reforçando a idéia de que as escolhas estão baseadas naquilo que é trabalhado na escola, aparece em segundo lugar o escritor infantil Monteiro Lobato, que também foi apresentado às crianças na sala de aula por ocasião de seu centenário. Essa possibilidade nos traz de volta para a situação em que os alunos só têm contato com obras de literatura na escola, o que demonstra a importância dessa instituição e a sua responsabilidade com os alunos.

Os pequenos textos produzidos pelas crianças revelaram que, geralmente, elas, ou não conseguem relatar uma história, ou têm problemas em contá-la até o final. Onze alunos, ou seja, quase a metade do *corpus* pesquisado, alegaram não lembrar ou não saber efetuar uma narrativa. Dentre os que se aventuraram a contar, outros onze descreveram a mesma história que, segundo disseram, foi trabalhada na escola. O que entendemos dessa situação é que esses alunos não têm muito contato com textos literários, pois, ou não são capazes de recordar de nenhum, ou limitam-se a repetir o que foi ouvido na escola, o que, aliás, seria muito bom, se essa instituição oferecesse um ambiente literário farto. Isso fica demonstrado pelo fato de não serem abundantes, mas sim repetitivas, as manifestações das crianças nesse sentido.

Um dos alunos que alegou não saber contar mencionou a personagem Harry Potter sem, no entanto, referir nenhum dos livros da série, o que nos faz pensar que talvez essa lembrança poderia estar relacionada com o cinema ou com a televisão, remetendo-nos novamente à questão da cultura de massa, idéia ratificada por outra criança que aludiu à Mônica, das histórias em quadrinhos. Entre os outros cinco alunos que restaram, um relatou *O velho e o mar*, de Hemingway. Embora o aluno

tenha modificado o final da história, consideramos essa lembrança algo positivo, pois demonstra que, de alguma forma, esse jovem teve contato com uma obra literária fora do âmbito escolar. Entretanto, percebemos que ele é a exceção da regra.

Outro fator que demonstra uma certa falta de contato com os textos literários é a dificuldade que os jovens que aceitaram o desafio de contar uma história tiveram em fazê-lo de forma completa, pois somente seis, dentre os onze, conseguiram essa façanha, o que não seria tão ruim se pensássemos somente nesses onze alunos, pois, nesse caso, os seis representariam pouco mais da metade. Esse resultado ainda não seria o ideal, mas não seria de todo mau. Todavia, o que ocorre é que os seis alunos pertencem a um *corpus* de 27, representando uma minoria que possui algum domínio sobre a estrutura narrativa.

Salientamos a importância de aprender a narrar no sentido de desenvolver a habilidade de elaborar o próprio pensamento, pois na estrutura de uma narrativa há tudo o que é necessário para organizarmos as nossas idéias. As histórias são compostas de início, meio e fim, conferindo uma certa ordenação ao caos interno, além disso, exigem que haja causas para as conseqüências, o que contribui para o desenvolvimento da racionalidade e estão situadas em um tempo, bem como, em um espaço, levando a criança a uma maior capacidade de situar-se a si mesma em relação à própria existência. Com a leitura de textos narrativos, a criança vai, aos poucos, internalizando essas estruturas e, conseqüentemente, organizando a sua maneira de pensar e de se expressar. Dessa forma, ela adquire um domínio maior da língua ma-

terna e, conseqüentemente, sobre si mesma, tornando-se mais preparada para a vida.

A biblioteca escolar é o local onde esse quadro pode ser revertido, porém, para que isso ocorra, é necessário que haja estratégias que façam com que o aluno descubra e se interessasse por esse ambiente. Ao serem perguntados sobre a assiduidade à biblioteca da escola, 16 informaram não freqüentar esse ambiente, alguns disseram, inclusive, que não o conhecem, pois nunca estiveram lá. No que se refere a outras bibliotecas, fora do círculo escolar, a situação é ainda pior, já que 23 crianças responderam que não freqüentam nenhum tipo de biblioteca. Na realidade, tal resultado não chega a surpreender, pois, se eles não costumam visitar a biblioteca da escola, que está mais próxima, seria pouco provável que o fizessem em relação à outra.

Quanto à visão que os entrevistados têm da biblioteca escolar, obviamente só poderíamos esperar algum resultado entre os entrevistados que afirmaram freqüentá-la, e, entre esses, a maioria demonstrou um posicionamento neutro, apenas descrevendo esse lugar de forma fria, sem imprimir nenhum tipo de emoção, nem positiva e nem negativa. Houve os que responderam que não há os livros de que precisam para fazer os trabalhos solicitados pelos professores. Esse resultado é, de certa forma, desalentador para quem busca formar leitores, pois sabemos que a maioria dos hábitos que se formam durante a infância e a adolescência acompanham as crianças no decorrer de suas vidas, até a idade adulta.

A formação leitora do indivíduo acontece através da soma de experiências intelectuais e emocionais, e isso deve ser proporcionado na biblioteca da escola, por meio do contato lúdico e prazeroso com os livros, fazendo com que esse local seja constantemente buscado pelos estudantes. Embora consideremos o desenvolvimento intelectual como elemento de muita importância, sabemos que todas as nossas escolhas e tudo o que somos passam pelo fator emocional. Portanto, não existe possibilidade de formarmos leitores se não houver experiências literárias, vividas pelas crianças, de que elas possam se recordar com carinho e com saudade em sua fase adulta.

O que conseguimos inferir de tudo isso é que esses alunos, geralmente, não se relacionam com a leitura da forma como deveriam. Não possuem um ambiente propício para isso em casa e, na escola, local onde essa carência poderia ser suprida, o trabalho com os textos literários fica a desejar, pois os entrevistados não demonstram possuir um conhecimento razoável de obras de literatura, não revelam ser estimulados a buscarem esse tipo de contato com os livros e não parecem possuir um conhecimento internalizado acerca da estrutura de textos narrativos. Tudo isso não ocorre, certamente, por falta de interesse de pais e professores, nem dos demais adultos que cercam essas crianças. Ao contrário, esses são, assim como os filhos e alunos, vítimas de uma sociedade que não lhes proporciona o ensejo de se tornarem leitores.

O resultado disso é que os entrevistados, ao se tornarem adultos, não terão a sua “história de leitores”, o que significa dizer que terão perdido uma oportunidade

de atribuir um sentido para suas existências. É possível que não aprendam a exercer toda a sua capacidade crítica frente às questões da vida, já que não foram exercitados nesse sentido quando mais jovens, além de acostumar-se a buscar distração somente na cultura de massa, o que poderá agravar o problema no sentido de torná-los ainda mais alheios à realidade. E, ao falarmos em realidade, pensamos em quão comprometida poderá ficar a competência desses indivíduos de “lerem” o mundo que os cerca, no sentido conferido por Freire (2005) ao ato da leitura, tornando-os cativos da própria falta de preparo. Além dessas observações, constatamos que, da mesma forma que os participantes da pesquisa de Werkmeister têm a sua visão mítica da leitura, os nossos entrevistados também a possuem. Todavia, para os primeiros esses mitos são positivos, conforme pudemos observar, enquanto para os segundos eles acontecem de uma forma negativa, o que tentaremos explicar no próximo subcapítulo.

4.2 Imagens de leitura

Trataremos como imagens de leitura os mitos acerca do ato de ler que compõem o imaginário dos alunos pesquisados. Tais mitos, conforme já demonstramos em momento anterior, estão intimamente relacionados com a formação leitora dos indivíduos e podem ser tanto positivos, quanto negativos. Ao comentarmos o estudo de Diana Werkmeister, mencionamos a visão mítica de cada integrante do *cor-*

pus da pesquisa no que se refere à leitura. Nesse caso, especificamente, tais mitos são positivos porque ajudam os leitores referidos a encontrarem, na literatura, auxiliares na busca por significados simbólicos existenciais. No entanto, percebemos que, em certas situações, esses mitos podem ser negativos, pois, além de não contribuírem com a afirmação de um sentido para a vida, afastam os indivíduos dos livros, dificultando que se tornem leitores freqüentes. Por meio dos dados levantados em nossa pesquisa, tentaremos entender como é a visão mítica dos entrevistados sobre a leitura.

Ao considerarmos as respostas dos entrevistados com relação à quantidade de livros lidos por eles no ano anterior, verificamos imediatamente que as informações fornecidas são exageradas, pois alguns números variam entre 12 e 50 obras lidas. Sabemos que dificilmente um indivíduo com a idade dos alunos em questão, ainda que seja leitor constante, teria o que chamamos de “fôlego” para tanto, até mesmo por uma questão de maturidade intelectual. Por outro lado, não podemos simplesmente afirmar que os participantes da pesquisa “mentiram” em suas respostas, pois seria uma forma muito simplificadora de tratar da questão. Acreditamos que o motivo dessas réplicas é a crença por parte das crianças investigadas de que as pessoas que lêem são, de alguma forma, superiores e, por isso, mais aceitas pela sociedade.

Não é uma crença de todo incorreta e, tampouco, é um privilégio dessas crianças pensar assim. Existe um certo nexos em ver qualquer coisa de elevado nas pessoas que lêem, pela compreensão que o senso-comum tem do preparo maior desses indivíduos para o mundo. Já mencionamos em um momento anterior a visão

de sábio eremita atribuída àqueles que gastam parte do seu tempo envolvidos com os livros. O prejudicial, nesse caso, é o fato de que esses alunos, embora acreditem que a leitura seja algo importante para suas vidas, não tenham nenhuma outra motivação para se tornarem leitores assíduos, pois, conforme já dissemos, dificilmente alguém pensará em se aproximar das obras literárias tendo como único objetivo aumentar o vocabulário, adquirir conhecimentos, escrever melhor ou alcançar qualquer outra meta desse tipo.

Lembrando a afirmação de Daniel Pennac (1993), de que “o verbo ler não suporta o imperativo” (p. 13), ressaltamos que tentar convencer as crianças de que devem ler baseadas nesses argumentos equivale a uma imposição da sociedade, ou seja, corresponde a um “leia!” antipático e ao qual elas não se sentem aptas a obedecer. Essa situação, certamente, interfere de forma negativa em suas auto-estimas, fazendo com que “mintam” de forma exagerada, como vimos, ao serem questionadas. Ao contrário dos casos analisados por Werkmeister, em que os mitos de leitor contribuíam para o crescimento pessoal dos indivíduos, nesse caso, ocorre o inverso, pois esse mito de superioridade do indivíduo que lê, ao invés de atrair, afasta as pessoas que acabam por se achar inaptas para essa atividade. Obviamente, isso afeta a autoconfiança desses alunos que passam a se enxergar como incapazes de algo que se esperava deles, constituindo, assim, uma imagem mítica negativa sobre si próprios.

Nesse ponto esbarramos em outro tipo de visão mítica da leitura, que diz respeito à questão do prazer em contraponto com a obrigação de ler. Já vimos que há

uma tendência em alguns indivíduos de acharem que as coisas que são prazerosas não são dignas e, portanto, ou a leitura dá prazer e não deve ser incentivada, ou ela representa uma atividade virtuosa e deve corresponder a um sacrifício. Não podemos perder de vista a idéia de Georges Bataille (2004), segundo a qual o prazer está intimamente relacionado à culpa, o que explica o fato de, ao mesmo tempo em que os alunos informaram números absurdos de leituras que teriam feito no ano anterior, não percebemos, no decorrer da análise de suas respostas, nenhum sinal de que eles sejam levados a vivenciar qualquer experiência lúdica relacionada à literatura. Ao contrário, em suas respostas sobre atividades propostas pelos professores após a leitura não há menção a nenhum tipo de trabalho nesse sentido.

Além disso, ao que tudo indica, a relação desses estudantes com a biblioteca escolar também não é das melhores, pois não existe nenhum tipo de entusiasmo no que se refere a esse local e não há citação de nenhuma prática prazerosa ocorrida nesse espaço escolar, que deveria proporcionar e desenvolver o gosto pelas obras literárias, servindo de mediador entre o aluno e a leitura. Dessa forma, em vez de termos alunos que acreditam que “a literatura salva”, que o sujeito “se reconhece na leitura”, que encontramos “compensação nos livros”, ou, ainda, que “a literatura desafia”, teremos indivíduos que acreditam que a leitura não é algo para si, mas para outro tipo de pessoas, com as quais eles dificilmente terão contato, pois pertencem a um outro mundo, com uma realidade muito diversa.

Esse tipo de imagem sobre a leitura é reforçado por um entorno que reifica o ato de ler, na medida em que as crianças, além de não possuírem um ambiente leitor

em suas casas, freqüentam uma escola que se preocupa mais em atribuir notas pelos desempenhos de seus alunos do que lhes proporcionar o lugar favorável à leitura que lhes falta em casa, sem falar no excesso de cultura de massa a que esses estudantes estão sujeitos, iniciando na infância e persistindo durante toda a vida, pois esse é o rumo mais fácil, não havendo cobranças, já que apenas atende aos seus horizontes de expectativas. O que eles não têm condições de saber, no entanto, é que o caminho mais difícil é que lhes dará a liberdade, tornando-os mais conscientes de si próprios.

Dessa forma, a escola esquece que os significados simbólicos mencionados por Bettelheim (1980) devem ser construídos desde a infância, através da valorização da relação íntima que há entre homem e ficção, para que a literatura possa constituir para esses alunos um elemento de organização, tanto no âmbito individual quanto no coletivo e, assim, contribuir para que essas crianças adquiram uma nova imagem a respeito de si próprias, pois o que impulsiona o leitor é a possibilidade de usar a leitura como uma experiência de descoberta de si mesmo. Todavia, o que a pesquisa revela é um trabalho com obras literárias que leva os alunos a enxergarem a leitura de um ponto de vista pragmático, que desconsidera completamente o prazer que causa a relação com os livros, o que muito os prejudica, fazendo com que, no lugar de formarem imagens positivas sobre a experiência literária, passem a ver essa prática como algo difícil, inútil ou outras coisas do gênero.

Essa situação acarreta grande perda aos estudantes, pois o papel que desempenha a imaginação no desenvolvimento e na saúde mental do indivíduo é de con-

siderável importância. É através do contato com a fantasia, o que pode ser alcançado por meio das obras literárias, que as crianças conseguem trazer à consciência aspectos de si mesmas que lhes eram desconhecidos, fortalecendo, dessa forma, a personalidade em desenvolvimento e, portanto, tornando-as mais preparadas para o futuro, já que, com a ajuda das obras literárias, conseguimos exprimir “o que normalmente impedimos de chegar à consciência” (BETTELHEIM, 1980, p. 46). Essa é a razão do encantamento que exerce a literatura naqueles que tiveram pais ou professores capazes de lhes proporcionar essa descoberta.

É necessária uma vivência literária durante a infância porque, dessa forma, haverá uma influência positiva na visão de mundo das crianças, interferindo em suas opiniões, sonhos e anseios e, assim, lhes proporcionando um outro tipo de futuro, com mais confiança em si mesmos. Essas são as experiências que proporcionam a idealização dos livros, que observamos nos componentes do *corpus* de pesquisa de Werkmeister, contrariando a visão pragmática e negativa que têm os estudantes pesquisados. O papel da escola, que deveria ser o de subverter essa situação, infelizmente, tem sido o de mantê-la.

Se os entrevistados de Diana Werkmeister têm um tipo de “encontro com os livros” que não só os torna leitores constantes, mas, inclusive, os ajuda no sentido de descobrirem uma significação simbólica para suas vidas, indagamos sobre a visão que esses alunos estão tendo sobre os seus próprios encontros com a leitura. Certamente, se considerarmos os resultados obtidos, através dos relatos sobre suas casas e sobre a escola, no que se refere aos livros, concluiremos pela forma confu-

sa, repetitiva e sem entusiasmo com que falam de suas vivências de leitores, que não houve, para eles, uma história de leitura, mas sim, uma sucessão de experiências de alívio cada vez que concluíram um ano letivo e pensaram que os textos utilizados então ficaram para trás.

Talvez seja bastante esclarecedora, para exemplificar a imagem que os entrevistados nessa situação têm da leitura, a resposta de uma criança à pergunta que investigou se os alunos percebem algum tipo de empenho por parte da escola no sentido fazê-los gostar de ler. O entrevistado respondeu que sim, que a escola se empenha em torná-los leitores para aumentar o seu vocabulário (aluno nº 26, resposta nº 11). A visão que percebemos por detrás dessa resposta é a da leitura com fins pragmáticos, conforme já mencionamos. Essa criança cita o aumento de vocabulário como se esse fosse o grande objetivo daqueles que lêem, não mencionando nenhuma situação em que a escola tivesse lhe proporcionado algum tipo de prazer, pura e simplesmente, por estar lendo algum texto de que gostasse. Portanto, tal instituição ajuda a criar imagens negativas da leitura, crendo que cumpre o seu papel de formar leitores.

Filipouski (1986), pensando em sentido contrário a esses fatos, afirma que a escola é “o lugar ideal para a promoção do hábito de ler nas crianças e jovens, devendo então se preocupar em desenvolver estratégias para o ensino eficaz da leitura” (p. 108). Esses artifícios para formar leitores devem envolver atividades que propiciem aos alunos uma mudança na visão que eles possuem do ato de ler, fazendo com que, de forma lúdica, encontrem caminhos de amadurecimento e cresci-

mento pessoal, além de levá-los à descoberta de um modo próprio de atribuir um significado para a vida. Para que isso seja possível, é necessário que nos empenhe-mos em derrubar um outro mito negativo, dessa vez, com relação ao papel da esco-la na formação leitora, pois, como vimos, esse é o espaço onde a mudança poderá ocorrer com maior abrangência e, no entanto, não tem oferecido às nossas crianças mais carentes aquilo a que elas, pequenas cidadãs que são, têm direito.

4.3 Papel da escola

Tal situação já havia sido mencionada por Aguiar (1979) ao referir o quanto o ambiente escolar é desfavorável à leitura, propiciando, assim, o crescimento do in-teresse pela cultura de massa e impedindo a formação de sujeitos críticos. Como vimos em momentos anteriores desse trabalho, ao responderem perguntas que reve-lem gostos por obras com as quais tenham tido contato, houve alunos que aludiram a “histórias” assistidas na televisão, não esclarecendo se essas histórias são filmes ou telenovelas; a personagens de filmes, como Harry Potter; ou de histórias em quadrinhos, como Mônica.

Na realidade, não é a convivência com esses outros gêneros que prejudica o desenvolvimento desses alunos, pois afinal eles vivem em um mundo rodeado por esses elementos, e negá-los seria fugir da realidade. Entretanto, eles devem ter a oportunidade de ultrapassar essa barreira, indo além dos próprios horizontes de ex-

pectativas, o que pode ser realizado através da leitura de obras literárias. Se essas crianças não possuem um ambiente favorável a isso em seus lares, pensamos que é papel da escola proporcionar-lhes tal experiência. Todavia, através dos resultados obtidos, percebemos que a escola afasta, em vez de aproximar o aluno da leitura.

Quando os entrevistados foram questionados sobre obras que teriam ganhado de presente, percebemos que, embora essa pergunta refira-se a comportamentos que dizem respeito ao domínio familiar, revelam, também, que a escola não tem conseguido cumprir com aquilo que deveria ser o seu papel de formar leitores, pois, dentre os alunos que afirmaram já terem sido presenteados com livros e citaram o título do seu preferido, foi grande o número daqueles que mencionaram obras que também foram apontadas como sendo trabalhadas na escola, ou seja, os alunos podem ter dito que ganharam tais regalos sem ter de fato ganho, reproduzindo a situação referida no subcapítulo anterior, em que eles percebem o que se espera deles e respondem de modo a serem aceitos; ou, ainda, isso pode indicar que, de fato, eles ganharam tais presentes, mas, por serem títulos utilizados na escola, é provável que os pais os tenham comprado aos filhos para cumprir uma “obrigação” e não para lhes proporcionar prazer. Dessa forma, identificamos a visão de “leitura obrigatória”, difundida na esfera escolar, sendo levada para o âmbito familiar.

Assim, podemos constatar o quanto a escola tem sido falha, pois, ao propor determinadas leituras aos seus alunos, o faz de forma a que eles e suas famílias só sejam capazes de enxergar nessa atividade o dever de ler, não sendo levados à descoberta do que realmente significa a leitura de uma obra literária em termos de

crescimento emocional e intelectual. Portanto, ratificando o que já havíamos referido em capítulo anterior, constatamos que, de fato, a escola contribui para o afastamento dos alunos, na medida em que só favorece a repetição dos mesmos comportamentos. Isso acontece, em parte, porque os professores, que hoje estão encarregados de desenvolver leitores, também não tiveram uma boa formação nesse sentido, tornando-se mestres que voltam a sua atenção de forma precária para a realidade dos alunos, trabalhando obras literárias de forma desinteressante. Assim, chegamos ao que Ezequiel Theodoro da Silva (1997) chamou, muito apropriadamente, de leitura da leitura.

Como já foi possível verificar, os professores recomendam leituras a seus alunos, o que foi afirmado por 24 dentre os 27 alunos entrevistados. Entretanto, com relação às atividades aplicadas após a leitura dos textos indicados, os resultados são bastante confusos, pois há três crianças que dizem não haver nenhum tipo de trabalho após a leitura, enquanto os outros afirmam que são propostos os mais variados tipos de exercícios, tais como: questionários, resumos, estudo de biografia, “rascunho do livro”, desenho, caça-palavras e estudo das personagens. Não pretendemos discutir a relevância ou não de tais atividades; pensamos que elas até têm a sua importância, mas não contribuem para formar leitores, pois não levam a nenhum tipo de transformação, não inquietam o indivíduo e não despertam para o caráter de atribuição de significados simbólicos que possuem as obras literárias.

Outro elemento importante com relação às atividades pós-leitura é o fato de que algumas crianças mencionaram exercícios físicos. Certamente isso ocorre em

virtude de os alunos terem aula de Educação Física após a disciplina de Língua Portuguesa, mas entendemos que isso evidencia uma confusão por parte deles com relação ao que sejam atividades ligadas ao livro e, conseqüentemente, demonstra que eles não têm familiaridade com uma forma mais lúdica de vivenciar a leitura. Notamos que o mais próximo de algo parecido é a atividade com desenho, o que também pode ser redutor caso esse tipo de trabalho seja feito de maneira a somente preencher tempo.

Esse tipo de postura da escola acarreta grande prejuízo na formação dos alunos, pois, conforme vimos em Vigotsky (2003) a vivência artística constitui elemento de capital importância na ampliação de horizontes do ser, o que é corroborado por Mosquera (1976), que afirma a relevância de uma relação saudável entre realidade e fantasia, já que essa última é de vital importância no que se refere à relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Dessa forma, a arte e, conseqüentemente, a literatura representam a possibilidade de acesso a um nível de percepção maior da realidade e a uma ampliação na qualidade dos sentimentos.

Por tudo isso, faz-se necessário um trabalho criativo envolvendo a leitura. Algo que vá ao encontro dos anseios dos estudantes, que corresponda aos seus interesses e que respeite as suas naturezas. Somente assim a escola percorrerá um caminho inverso ao da lei-dura da leitura, possibilitando que seus alunos descubram no ato de ler um elemento propício ao encontro consigo mesmos. Assim, eles serão capazes de “escrever” a sua própria história de leitores. Esse é, sem dúvida, o

papel que deveria ser desempenhado pela escola, cujo ambiente seria um auxiliar na formação leitora dos indivíduos.

Contudo, esse lugar favorável parece estar longe, pois, ao indagarmos às crianças sobre a participação da escola em seu desenvolvimento leitor, descobrimos em suas respostas que essa instituição não tem, de fato, se empenhado em torná-los amigos dos livros, pois a maioria dos alunos informou, em suas respostas, que não percebe nenhum esforço nesse sentido. Alguns até acreditam que a escola se interessa, mas não tornam evidente a forma pela qual isso ocorre, já que as razões alegadas para tal variam entre as seguintes: “porque lá tem bastante livros”, “é uma escola muito boa”, “porque eles sempre mandam ler algum livro para fazer rascunho” e “porque eles compram os livros para nós ler”.

Isso evidencia o quanto esses alunos estão longe de descobrirem o encantamento que pode proporcionar a leitura de uma obra literária, pois essas afirmações, acima referidas, que remetem novamente à questão da imagem de leitura dos entrevistados, discutida anteriormente, nos leva ao entendimento de que a escola não está sendo capaz de mostrar a essas crianças o que é literatura, ao menos não em sua plenitude de gênero artístico. Talvez o empenho exista em um sentido mais amplo, naquele segundo o qual até mesmo uma bula de remédios pode ser considerada como literatura. Todavia, sabemos que a via libertária da literatura é encontrada, pelas pessoas, em obras que lhes façam enxergar para além da linha do horizonte.

A biblioteca escolar deve ser citada, também, ao falarmos sobre o papel da escola na formação leitora, pois esse espaço, embora não muito visitado pelos alunos, é, ou ao menos deveria ser, de vital importância em suas trajetórias de leitores, servindo como um local repleto de atrativos para os livros. No entanto, não é o que ocorre, pois, embora apenas duas crianças tenham respondido de forma absolutamente negativa à pergunta relativa à qualidade desse ambiente, percebemos nas demais respostas que não há encanto nenhum nessa parte da escola para os estudantes, pois suas respostas fazem menção a fatores do tipo “muito legal e com livros bem grossos” ou “é linda tem muitos livros”, como se espessura ou quantidade de livros tivesse alguma importância em seu trajeto de leitores.

Dentre os alunos que responderam positivamente quanto à biblioteca da escola, nenhum deles referiu-se a alguma experiência prazerosa ali vivida ou a ela relacionada. Isso nos leva a crer que, reproduzindo a postura da escola como um todo, a biblioteca também não vem conseguindo cumprir o seu papel de iniciar os estudantes no mundo dos livros. Essa situação é lamentável, pois como vimos, as crianças pesquisadas não possuem em seus lares uma atmosfera leitora, não possuem livros e tampouco há leitores frequentes em seu meio. Fora da escola eles não terão outra oportunidade de experimentar a literatura como agente de libertação.

Essas constatações confirmam a urgência de iniciativas que visem à promoção da leitura nas escolas, especialmente nas classes populares, pois os alunos pertencentes às camadas mais privilegiadas possuem, como já tivemos a oportunidade de constatar, mais condições de, tanto em seus lares, quanto nas escolas que fre-

qüentam, alcançar um crescimento emocional e intelectual satisfatório, bem como de ampliar seus horizontes de expectativas. Além disso, o universo em que vivem as crianças que se encontram em uma condição socioeconômica inferior, é bem mais limitado, favorecendo à alienação e à acomodação, o que pode e deve ser modificado com o empenho e engajamento dos profissionais responsáveis pela formação leitora das nossas crianças.

CONCLUSÃO

Ao finalizarmos esse trabalho, suporte no qual se apóiam nossas verificações, buscamos uma forma ordenada de compreensão do trajeto percorrido. A nossa proposta é a de investigar a leitura nas classes populares, utilizando, como *corpus* de pesquisa, uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental, tentando levar em conta as histórias e interesses de leitura dos alunos, os comportamentos de leitor, seus e daqueles que os cercam. Por tratar-se de pesquisa investigativa, que pretende diagnosticar uma realidade, optamos por uma entrevista, composta por 18 questões que visam traçar um perfil desses estudantes para, posteriormente, analisar os resultados obtidos à luz da teoria exposta na primeira parte da pesquisa.

Para tanto, procuramos empregar como base desse estudo teórico uma visão, o mais abrangente possível, do ato de ler. Após, trabalhamos com um conceito social da leitura, com a importância que há para um indivíduo a construção da sua própria história de leitor e com uma breve explanação sobre a leitura literária na escola e a relação dessa com a literatura infantil. Finalizando a primeira parte do estudo, mostramos uma experiência inclusiva de formação leitora em uma comunidade carente. Após o término dessa abordagem teórica, e após apresentar a pesquisa, bem como de descrever os dados obtidos, chegamos ao momento de interpretá-

los com a finalidade de conhecer melhor esse leitor de 5ª série, de classes populares.

O que foi possível coligir dos dados colhidos é que os entrevistados não possuem familiaridade com a leitura, iniciando o problema em casa, onde os pais não têm o hábito de contar histórias aos filhos, continuando na escola, local que deveria cumprir o papel de formar leitores, mas, no entanto, afasta os alunos dos livros. Dessa forma, crianças que estão em um momento de formação de hábitos para a vida inteira experimentam uma vivência literária de pequenas dimensões. O preocupante é a possibilidade de eles se sentirem inferiorizados, já que foi evidente a percepção que têm de que há uma realidade leitora da qual não fazem parte e de que existe um comportamento em relação à leitura que é esperado deles e ao qual não estão em condições de corresponder.

Esses fatores afastam as crianças não só da leitura, mas da descoberta de significados simbólicos que enriqueceriam suas vidas, bem como de um domínio da linguagem que os tornaria senhores de si mesmos. A falta de contato desses alunos com o ato de ler, tanto na esfera doméstica, quanto na escolar, deve-se, certamente, a um contexto que leva a isso por razões socioeconômicas aliadas a um costume que desprivilegia a leitura, arrastando os indivíduos ao encontro da cultura de massa e, portanto, causando-lhes mais um prejuízo a ser somado aos dois acima mencionados, que é a falta de uma postura crítica frente à vida. Assim, a situação se reproduz indefinidamente, pois pais e professores, que também foram formados de acordo com esse modelo, o reproduzem com seus filhos e alunos, que um dia tam-

bém serão pais e professores a espelhar, novamente, o padrão internalizado na infância.

Esse estado de coisas leva os alunos a uma auto-imagem negativa, tanto de si próprios quanto da escola que, refletindo essa realidade social, não consegue cumprir o seu papel de formação leitora e leva os alunos à criação de mitos negativos quanto ao ato de ler, fazendo com que, em lugar de serem atraídos em direção aos livros, sejam levados na direção oposta. Tudo isso torna evidente a necessidade de uma transformação no âmbito escolar, já que esse é o espaço onde, ainda que precariamente, os alunos têm algum contato com os textos literários. Tal mudança deveria iniciar pelo fim dessas crenças que afastam da leitura, segundo as quais os alunos a vêem como algo tão difícil e superior que acreditam não ser própria para eles, ou que ler é algo muito desagradável, que requer extremo sacrifício, ou ainda, que a leitura não passa de uma forma de garantir nota para “passar de ano”.

É importante que acabemos com a crença, por parte dos alunos, na imperatividade do verbo ler, levando-os a encarar esse ato como algo provido de gratuidade, que praticamos apenas porque gostamos e não com um caráter pragmático. Para tanto se faz necessário um comprometimento por parte dos profissionais da área no sentido de passar a enxergar mais a realidade dos alunos. Tal observação pode ter início ao considerarmos certos elementos que constituem a natureza dos indivíduos dessa idade. Constatamos na pesquisa que a grande maioria dos entrevistados mencionou o encantamento por atividades físicas e, no que se refere a preferências literárias, o gosto por livros de aventura e ação.

Tal fato já nos dá uma visão dos interesses dessas crianças, entretanto, podemos ir um pouco mais longe e somar a isso o fator emocional, que aparece como elemento de grande importância para eles, além da grande menção que fazem à poesia. Se levarmos em conta essas informações, concluiremos que os poemas talvez sejam, de fato, textos excelentes para serem trabalhados nessa idade, pois, embora não envolvam uma atividade física, implicam ação, porque possuem grande dinamismo, alcançado por meio do ritmo e da musicalidade, além da extensão curta. Ainda, podemos considerar a grande carga afetiva que um poema desperta em quem o lê, vindo ao encontro dos anseios emocionais referidos pelas crianças.

Todavia, ao chegarmos nesse ponto, esbarramos em mais um problema que diz respeito ao ambiente escolar e familiar desses estudantes, bem como ao comportamento leitor daqueles que os rodeiam. Os pais, conforme pudemos verificar, não possuem o hábito de ler e, portanto, não podem auxiliar os filhos em seu contato com a poesia. Por outro lado, os professores, de acordo com os resultados obtidos, não estão preparados para trabalhar com textos que exijam o contato com o lúdico, como acontece com os poemas. Nesse caso, concluímos que se faz necessária uma ação semelhante à do Centro de Literatura Interativa da Comunidade, o CLIC, mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, no sentido de incluir esses adultos no mundo das letras. Essa ação teria o diferencial de ser direcionada para o público adulto.

Todavia, não acreditamos que se deva pensar em algum tipo de curso que os prepare para a leitura, mas sim em um trabalho puramente lúdico, como aquele que

é feito com as crianças, e que desperte o prazer gratuito de ler, em pais e professores, para que possam, então, contribuir para a formação leitora de seus filhos e alunos. Possivelmente a biblioteca escolar, engajando-se nessa ação, seria o ambiente ideal para que isso ocorresse, pois, como já havíamos mencionado, apesar das limitações, a escola ainda é o espaço da transformação, já que é o único local onde as crianças têm contato com a literatura. Talvez dessa forma fosse possível o começo da reversão desse quadro lamentável de não leitura nas classes populares.

Outro fator importante a ser considerado no que diz respeito a estratégias de formação de leitores é a fase em que se encontram os alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, pois eles representam um alvo importante a ser trabalhado porque estão em uma etapa em que já possuem compreensão bastante aguçada do mundo a sua volta e, ao mesmo tempo, ainda não iniciaram a adolescência, encontrando-se em um estágio transitório. Por não estarem com os hábitos completamente definidos, por ainda se encontrarem na infância e, por isso, abertas a novidades, essas crianças, se bem estimuladas, têm grande potencial de virem a se tornar leitoras e, dessa forma, serem multiplicadoras desse gesto em suas comunidades, levando aos indivíduos das classes populares o contato que lhes falta com os livros.

Para isso, faz-se necessário que a escola torne os alunos o alvo de sua atenção ao elaborar projetos que visem torná-los familiarizados com os livros. Essa poderá ser a forma pela qual se tornará realizável a mudança que transformará esses indivíduos de não leitores em amantes da literatura, proporcionando-lhes as devidas condições para que “escrevam” a sua própria história de leitura. Um trabalho sério

e bem elaborado na 5ª série do Ensino Fundamental, levando em conta o perfil traçado das crianças, seus interesses e peculiaridades, poderá fazer com que, nesse momento, tão marcante, de transição, os alunos descubram o encantamento que uma obra literária pode proporcionar, alterando, assim, o perfil que hoje é possível traçarmos a seu respeito e, em consequência, ajudando a modificar a realidade da leitura em nosso País.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

_____. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

_____. *Que livro indicar? Interesses do leitor jovem*. Porto Alegre: Mercado Aberto/IEL, 1979.

ARISTÓTELES. Arte poética. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

AS MIL e uma noites. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 2005.

BARBOZA, Catarina Maite Macedo. *A formação do gosto pela leitura literária e as histórias de leitura de alunos do ensino médio do CEFET-RS*. Dissertação de Mestrado em Letras Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, 2002.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Porto Alegre: Klick, 1997.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: ARX, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *Memórias de uma moça bem comportada*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. Os livros essenciais da nossa vida. *Leia*, São Paulo, nº 139, p. 24-8, maio/1990.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Lukács e a literatura*. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. *As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais*. Dissertação de Mestrado em Letras Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

CASTRO, Joselaine Sebem de. *A influência do conteúdo emocional na recordação de textos: uma abordagem conexcionista*. Tese de doutorado em Letras Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

CERDA, Hugo. *Literatura infantil y clases sociales*. Madri: Akal, 1982.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

EDINGER, Edward F. *O arquétipo cristão: um comentário junguiano sobre a vida de Cristo*. São Paulo: Cultrix, 1995.

ESTÁCIO, Gisele de Araújo Gouvêa. *O professor de 3ª e 4ª séries de ensino fundamental como mediador entre o aluno e a leitura: estudo realizado no município de Porto Velho*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

FRANZ, Marie-Louise Von. *A interpretação dos contos de fadas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*, em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, Adriano Lopes. *Tudo era uma vez no tempo em que sempre será: o contador de história na perspectiva da formação do leitor*. Dissertação de Mestrado em Educação Natal: Universidade Federal do Rio grande do Norte, 1999.

GOMES, Ana Regina. *A (de?) formação do leitor*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. *Luta de classes*. São Paulo: Global, 1980.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert... et al. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986a.

LLOSA, Mario Vargas. *A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

LOBATO, Monteiro. *Obra infantil completa*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

_____. Recordando. In: _____ *Mundo da lua*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

LOPES, Eliane M. T. *Leitura: prazer e saber*. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/ensaios>>. Acesso em 10 jul 2006.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARIA, Luzia de. *Leitura e colheita*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. *Psicologia da arte*. Porto Alegre: Sulina, 1976.

NASCIMENTO, Angeli Rose do. *Lição entre amigas: uma travessia de leitores (apontamentos sobre experiências de leitura)*. Dissertação de Mestrado em Educação Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2002

_____. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003a.

_____. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 2003b.

QUALLS-CORBET, Nancy. *A prostituta sagrada: a face eterna do feminino*. São Paulo: Paulus, 1990.

QUEIROZ, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: FTD, 1994.

RICHE, Rosa; HADDAD, Luciane. *Oficina da palavra*. São Paulo: FTD, 1994.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2000.

ROLLA, Ângela. *Professor: perfil de leitor*. Tese de doutorado em Letras. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

ROSA, Baiard Ibaté Brocker da. *Leitura da literatura e sua relação com a formação social do sujeito*. Tese de Mestrado em Letras. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia ou a teoria da curvatura da vara*. *Revista da Ande*, nº 1, 1981.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre livros e leitura*. Porto Alegre: Paraula, 1993.

SEFCHOVICH, Sara. *La teoría de la literatura de Lukacs*. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1979.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. *O ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1984.

STENDHAL. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

VYGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Akal Bolsillo, 2003.

WERKMEISTER, Diana Maria Noronha. *A formação do leitor de literatura: histórias de leitores*. Tese de Doutorado em Letras. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *Formação do leitor na história da leitura*. In: PEREIRA, Vera Wannmacher. *Aprendizado da leitura*. Ciências e literatura no fio da história. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

APÊNDICE

Roteiro da entrevista

Roteiro da entrevista

1. Quais são teus divertimentos preferidos?
2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?
3. Que tipo de leitura tu preferes?
4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?
5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?
6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?
7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?
8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.
9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?
10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?
11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?
12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?
13. Como é a biblioteca de tua escola?
14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?
15. Há livros em tua casa? Quais?
16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?
17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?
18. Conta uma história de que gostes muito.

ANEXO

Respostas dos alunos

RESPOSTAS DO ALUNO Nº 01

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Meu divertimento é jogar bola.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Não me lembro, mas eu acho que foi uns 22 livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
De aventura e drama.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, contava minha mãe, das histórias que ela lia.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Mula-sem-cabeça e o Saci Pererê.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim já ganhei, no meu aniversário. O único que ganhei foi o que gostei, da Mula-sem-cabeça, porque a história é engraçada e divertida.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Não, eles só têm o hábito de ler.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Mula-sem-cabeça, porque na história ela é triste e, que eu me lembro, ela cai numa aventura.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Não.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Nenhuma.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Biblioteca, porque lá tem bastante livros.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Sim. Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Divertida e quieta.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Nenhum.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Não.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Do *Sítio do Picapau amarelo*, porque eu adoro as histórias do Monteiro Lobato.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Não sei.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Não sei.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 02

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Os meus divertimentos preferidos são jogar vôlei e bola.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Eu li mais ou menos uns 13 livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Eu prefiro ler gibi.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, a minha mãe lia livros para mim, livros da Mônica.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Da *Branca de Neve*.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não, eu nunca ganhei.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Não. Às vezes livros de espiritismo.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Eu lembro mais da *Branca de Neve*. É muito bom e minha mãe lia todos os dias.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
De Português.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
De responder.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Sim, porque é uma escola muito boa.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Não freqüento.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É muito boa.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não, quase nunca.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Tem muitos livros e eu não lembro o nome.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Eu prefiro livros que falem a realidade, porque são mais divertidos.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Seria um gibi.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Eu gosto mais das histórias da Mônica, mas não me lembro de nenhuma.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 03

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Dançar.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sim, mais ou menos uns 50.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poema.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, eu gostava de *Branca de Neve*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Os três porquinhos.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim, no Natal. A *Cinderela*, porque é uma história que é bonita e eu gostaria que acontecia comigo.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim, muito pouco.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Os três porquinhos, porque a minha mãe falava que se eu incomodar o Lobo Mau ia me pegar.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, gosto mais de livro de estudo.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Fazer perguntas, atividades.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É legal, tem bastante livro.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Não.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Realidade, porque eu acho que a realidade pode acontecer.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Eu compraria do Erico Veríssimo.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Era uma vez três porquinhos muito legal. Eles eram irmão e tinha um lobo que não gostava deles, só queria comer eles. Um dia um porquinho fez uma casa de palha, outro fez de tijolo e o outro de concreto. Um dia o lobo falou que ia derrubar, mas os porquinhos falavam que não era para derrubar.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 04

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Televisão, computador.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Mais ou menos. 14.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poesias.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha mãe. Gostava da *Cinderela*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Não lembro.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim. No meu aniversário.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Não lembro.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Resumo.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Sim.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Sim.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Eu não sei.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Fantasia.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Monteiro Lobato.

19. Conta uma história de que gostes muito.

Os três porquinhos foram passear e o lobo mau foi atrás deles. Ele derrubou a casa de palha e a de madeira e não conseguiu derrubar a de material.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 05

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogar bola, andar de bicicleta.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Três.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Todas.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
A minha mãe lia o livro do Hercules.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Nenhum.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Nenhum.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
De histórias.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Nenhuma.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Legal.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Todas.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Alguns.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Realidade.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Aladin.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Não lembro.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 06

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
T.V.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Mais ou menos uns 13.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poesias.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha mãe, contos de fadas.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Branca de Neve, Cinderela, etc.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim, no Natal.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Pássaro sem cor, O pequeno polegar, porque a professora lia bastante para nós.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, Mário Quintana e mais autores brasileiros.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Contas, textos, etc. Textos.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Sim, porque tem bastante livros na biblioteca.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Não sei.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim, literaturas.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Fantasia, porque desperta a imaginação.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Não sei.

18. Conta uma história de que gastes muito.

O gato de botas, não me lembro muito bem.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 07

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Skate.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Não leio. No máximo 1.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poesias.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Não.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Branca de Neve, Três porquinhos.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Compram jornais e minha mãe não lê.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Poesias românticas brasileiras porque são muito tristes.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Do livro do Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Fazer biografia.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Não sei.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Tem mas não sei quais são.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Sobre a realidade porque a gente fica mais pronto para a vida.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Não sei.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Era uma vez uma mocinha que estava caminhando pela floresta quando viu o Lobo Mau que perguntou para a menina.

— Onde está indo com essa pressa? E ela respondeu: para a casa da vovó com esses doces.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 08

1. **Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol e vôlei.
2. **Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Não.
3. **Que tipo de leitura tu preferes?**
História em quadrinhos.
4. **Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Não, eu via a história na T.V.
5. **Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Não me contavam.
6. **Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não.
7. **Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Não.
8. **Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Um cadáver ouve rádio.
9. **Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Eles não indicam livros.
10. **Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
O esporte.
11. **Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Mais ou menos.
12. **Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Não conheço.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim. *A bomba de chocolate.*

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Realidade.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Do Marcos Rei.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Não sei.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 09

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Vinte e cinco.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Histórias.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Meu pai. *Os três porquinhos*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Os três porquinhos.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Os três porquinhos e Branca de Neve.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
De Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Futebol.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Tem muitos livros infantis e histórias.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Não.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Não gosto.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

De Mário Quintana.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Era uma vez três porquinhos. O primeiro comia muito e fez uma casa de palha. O segundo comia pouco e fez uma casa de madeira. O terceiro não comia nada e sobrou dinheiro para fazer uma casa de material. O Lobo Mau assoprou a casa e destruiu, assoprou a segunda e destruiu e a terceira casa assoprou e não destruiu.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 10

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sim. Não sei.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poema.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Não.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
A bela adormecida e Os três porquinhos.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim, de aniversário, *102 Dálmatas*. Gostei dos lindos cachorros.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Não.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Não lembro.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Educação Física.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Sim.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Grande e espaçosa.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Fantasia.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

A Bela e a Fera.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Não me lembro.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 11

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogar bola e vôlei. Que seja diversão eu gosto.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Eu leio livros em casa. Não sei quantos.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Vários: poemas, histórias...
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha mãe Almerinda Dalhem. Do *Sítio do Pica-pau Amarelo*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Vários, nem sei dizer.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Já ganhei sim. Gostaria de ganhar mais. Gostei mais de Harry Potter porque é divertido, bacana e legal.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Eles têm muitos, eles que me ensinaram.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Eu me lembro mais do Harry Potter porque eu vi a história no cinema.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Eles ainda não pediram.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Nenhuma.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Muito, mas não sei porquê.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Sim.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Ela é pequena, com poucos livros e com duas mesas.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Tem vários, mas não lembro do nome.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Os dois, porque eu adoro ler.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Não sei.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Bom, eu gostei do Harry Potter, mas não sei contar.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 12

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Meu divertimento é jogar bola.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sim, às vezes. Uns três livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
De poemas.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha tia. Das princesas.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Barbie Rapunzel.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim, nenhuma da princesa. De princesa, porque a história dela é cheia de aventura.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Têm, eles têm o hábito de ler.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Um dia daqueles, porque é um livro de poemas que tem animais mostrando cada coisa que acontece.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, dos de poemas.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Fazer rascunho do livro.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Sim, porque eles sempre mandam ler algum livro para fazer rascunho.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Não. Às vezes.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Uma sala com armários cheios de livros.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não, nenhum.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim, de matérias e de contos de fadas e poemas.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Os dois, porque é muito divertido.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Um dia daqueles.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Não sei.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 13

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogar bola e andar de bicicleta.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sim. Sete livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
História de terror e ação.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Eu mais gostava do Lobo Mau.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Sítio do Pica-pau amarelo.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Megamen, porque é de ação.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Não.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Branca de Neve.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Desenhar.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não sei.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É legal.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não sei, eu sou novo na escola.

15. Há livros em tua casa? Quais?

De escola.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Fantasia porque é legal.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Branca de Neve.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Não sei contar nenhuma.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 14

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol e videogame.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Não. Não me lembro.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poema.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Meu pai. *Peter Pan*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Os três porquinhos, Peter Pan.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não ganhei.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim, jornal.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Os três porquinhos é legal.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Os três proquinhos.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Educação física, futebol.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não sei.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É bem organizada e é grande, tem livros.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?**Quais?**

Tem Ciências, Matemática, Educação Física, Português, Artes, Ensino Religioso, História e Inglês.

15. Há livros em tua casa? Quais?

De Português, Biologia, Química, Ciências, Matemática, Inglês, Educação Física.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Não Sei.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Português.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Era uma vez três porquinhos que viviam em uma fazenda e um dia resolveram fugir da fazenda e construir suas casas. O menor construiu a de palha, o do meio a de madeira e o maior a de tijolo. O Lobo Mau assoprou a de palha e o porquinho correu para o do meio. E o Lobo Mau assoprou e caiu, e os dois foram para a do maior. E o lobo assoprou, assoprou, assoprou e cansou. E tentou pela chaminé e como os porquinhos são espertos acenderam a lareira e o Lobo Mau desceu a chaminé e queimou a bunda. E acabou a história.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 15

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogar bola e andar de bicicleta.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sete livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Histórias de terror e ação.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim. Do Lobo Mau.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Sítio do Pica-pau Amarelo, feito por Monteiro Lobato.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Eu já ganhei de aniversário. Eu gostei do Saci Pererê, ele gosta de aprontar com todo mundo.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim, “Diário Gaúcho”.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Não me lembro.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim. Eu gosto do Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Fazer um resumo da história.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Eu freqüento a da escola e outras.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É muito legal, tem vários livros e computador.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não sei.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim, *Branca de Neve*, *Gato de Botas*.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Fantasia, para viajar junto com a história.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Pé de pilão, Mário Quintana.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Não me lembro.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 16

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol, andar de bicicleta, videogame.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sete livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
História, jornal e revista.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha mãe. Não me lembro de qual gostava.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Soldadinho de chumbo.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não me lembro.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Às vezes.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Soldadinho de chumbo, porque é legal.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Do Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Educação Física.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Sim. Não frequento outra.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Ela tem bastante livro para pesquisar.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim. Não me lembro quais.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Sobre realidade.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Não sei.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Os três porquinhos montam uma casa de palha e o lobo desmancha, depois de madeira e o lobo desmancha e depois de tijolo. Só que ele tenta e não desmancha.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 17

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Ficar sentada conversando.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Eu não leio com frequência.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poesia.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim. A minha mãe, o meu pai e o meu irmão. Eu não lembro.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Branca de Neve e o Peter Pan.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não ganhei.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Eles têm hábito de ler, mas não compram nada.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Cinderela. Não sei porque.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, do Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
De ver os personagens.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não sei.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Só daqui dessa escola.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Eu não sei responder.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Não tem.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Sobre fantasia porque é mais interessante para mim.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Monteiro Lobato.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Os três porquinhos. Um construiu de madeira, o outro construiu de palha e o outro, que é mais inteligente, fez de material. O lobo derrubou a casa de madeira e a de palha, e os dois foram para a casa de material e viveram felizes para sempre.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 18

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Ler livros, jogar vôlei e passear.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Nove livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Todas.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minhas irmãs. *Chapeuzinho Vermelho*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Cinderela e Branca de Neve.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
O santinho, de Luís Fernando Veríssimo, porque ele fala sobre a vida dele numa escola.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, principalmente de Mário Quintana, de todos.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Escrever redação, de inventar outra história.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Só a da escola.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É bem simples, é um pouco pequena, mas tem bastante livros.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim, do Luis Fernando Veríssimo e do Monteiro Lobato.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Fantasia, porque eu acho muito interessante.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Do Mário Quintana.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Era uma vez três porquinhos que vivam numa floresta. Um dia eles decidiram fazer cada um a sua casa. A primeira foi de palha, a segunda foi de madeira e a última foi de tijolo. Só que na floresta havia um lobo muito mau que queria comer eles. Daí, ele assoprou a primeira casa e ela desabou, assoprou a segunda casa e ela desabou. Quando chegou na última casa, não conseguiu derrubar. Ele tentou entrar pela chaminé, só que os porquinhos botaram fogo na chaminé e o lobo pulou, daí se queimou todinho. E os três porquinhos viveram felizes para sempre.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 19

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol, vôlei e basquete.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Eu li três livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Histórias, jornal, cruzadinhas, poemas.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Não.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Os três porquinhos, O soldadinho de chumbo.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim. *Soldadinho de chumbo*, porque a história é legal para ler.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Os três porquinhos porque o lobo derruba as casas.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Do Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Geografia.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Porque eles compram os livros pra nós ler.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Sim.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Ela tem bastante livros para pesquisar as coisas dos trabalhos de todas matérias.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Sobre a realidade.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

O soldadinho de chumbo.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Os três porquinhos, eles compraram uma casa e quando eles tavam jogando carta o lobo assoprou, assoprou, assoprou e derrubou a casa. Os porquinhos compraram outra casa e vem o lobo e derruba outra vez a casa dos porquinhos. E ele comprou outra casa e vem o lobo e assoprou, assoprou e assoprou e a casa cai.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 20

1. **Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogo, videogame, ler livro, jogar bola.
2. **Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Dezoito livros.
3. **Que tipo de leitura tu preferes?**
Suspense.
4. **Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Do Bicho-Papão.
5. **Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Branca de Neve, Cinderela, Os três porquinhos.
6. **Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não sei.
7. **Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Jornal, revista e livro.
8. **Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Branca de Neve, porque a bruxa deu a maçã “venenada”.
9. **Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim.
10. **Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Resumo e caça-palavras.
11. **Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
12. **Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Só do colégio.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Grande, espaçoso e cheio de livros.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim, muito.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Sobre a realidade.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Shakespeare.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Era uma vez três porquinhos que foram embora para o bosque. O mais novo fez casa de palha, o do meio fez de madeira e o mais velho fez de tijolo. Os três moram junto.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 21

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogar bola e jogar vôlei.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Doze livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Aventura.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha mãe. Aventura do Lobo Mau.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Sítio do Pica-pau amarelo.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Não lembro.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim, Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Não sei.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Sim.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Tem livros.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não promove.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Não.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Prefiro realidade, é melhor.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Os três porquinhos.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Não lembro.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 22

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol e T.V.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Não me lembro.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poemas.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Minha mãe. *Os três porquinhos*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Os três porquinhos, Puff, Chapeuzinho Vermelho.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim, eu tava de aniversário. Do livro de Inglês, porque eu gosto de inglês.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Eu não me lembro de nenhum.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Eu gosto de ciências porque é bem interessante.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Educação Física.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É bem grande, tem bastante livros.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Tem Ciências, Matemática, Inglês, Português.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Eu prefiro fantasia porque lendo parece que a gente tá lá.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Inglês.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Era uma vez três porquinhos que viviam em uma fazenda. Um dia eles conversaram e resolveram fugir antes que comessem eles. Eles fugiram e procuraram um lugar para construir suas casas. Cada um ia ter sua casa. Um deles fez de palha, o outro de concreto e o outro de madeira. Eles levaram um dia inteiro para construir, até que um dia um lobo tinha um sopro forte e ele foi e assoprou e derrubou a de palha. Aí o porquinho foi pra de madeira. Ele assoprou e derrubou. Os dois foram pra de concreto. O lobo assoprou, assoprou e se cansou. E eles viveram felizes para sempre.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 23

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Futebol.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Não sei.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Eu gosto de poeta.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Não.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Os três porquinhos.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Eu nunca ganhei.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Não.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Harry Potter.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
De poemas.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Educação Física.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Eu frequento a biblioteca dos outros.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Eu nunca entrei.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Nenhum.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Tem muitos. Eu não sei.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Eu prefiro os dois porque é bom.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Do Mário Quintana.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Eu não sei.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 24

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogar bola, andar de sakate, ficar com as meninas.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sete.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
História de terror e ação.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
A minha mãe lia a história do Lobo Mau. A parte que mais gostava era a parte que ele assoprou e caiu a casa dos porquinhos.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Sítio do pica-pau amarelo.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim, de aniversário. Prefiro o *Sítio do pica-pau amarelo*.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Não lembro.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim. Do Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Resumir a história e responder perguntas. A que eu mais gosto é das perguntas.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.

12. Tu freqüentas a biblioteca escolar? Freqüentas alguma outra biblioteca?

Sim, só a da escola.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

É linda, tem muitos livros e um computador.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não promove.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Só de Matemática, Ciências, só.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Sim, porque é melhor.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Chapeuzinho Vermelho.

18. Conta uma história de que gastes muito.

Não me lembro de nenhuma.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 25

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Jogar bola e andar de bicicleta.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sete livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
História de terror e ação.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim. Eu mais gosto do Lobo Mau.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Sítio do pica-pau amarelo.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim. Mário Quintana.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim, ele compra “Diário Gaúcho”.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Não lembro.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim. *Pé de pilão.*
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Fazer um resumo.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Sim, a do colégio.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Não tem quase livro legal.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura? Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim, *Pé de pilão*, *Batalhão das letras*.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Sobre fantasia para poder sair da realidade.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

A Branca de Neve e Os três porquinhos.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Não sei contar nenhuma.

RESPOSTAS DO ALUNO nº26

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Ver filme
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Não. Não me lembro.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
A de aventura.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha mãe. Quando ela contava histórias engraçadas.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e Pinóquio.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Sim, no Natal. Harry Potter e o enigma do príncipe, porque é de aventura.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim. Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
O velho e mar, porque ele sofreu muito, mas conseguiu o que queria.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Fazer resumos. Gosto do resumo.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Sim, para aumentar o vocabulário.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Muito legal e com livros bem grossos.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não sei.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Sim. Não me lembro.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Realidade porque é o que acontece.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Harry Potter e a ordem da fênix.

18. Conta uma história de que gostes muito.

O velho e o mar. Ele saiu para pescar e enfrentou vários animais, tomou água, só isso. E cortou as mãos, mas conseguiu pescar um peixe muito grande, que era o seu sonho.

RESPOSTAS DO ALUNO nº 27

- 1. Quais são teus divertimentos preferidos?**
Ir para o parque passear.
- 2. Tu costumavas ler com frequência? Quantos livros leste no ano passado?**
Sim, 13 livros.
- 3. Que tipo de leitura tu preferes?**
Poesia.
- 4. Antes de aprenderes a ler alguém te contava histórias? Quem? Do que mais gostavas?**
Sim, minha mãe e minha vó. Eu gostava da história da *Branca de Neve*.
- 5. Quais os contos de fadas e histórias infantis de que te recordas?**
Os três porquinhos.
- 6. Já ganhaste livros de presente? Em que ocasião? De qual mais gostaste? Por quê?**
Não.
- 7. Os teus pais têm o hábito de comprar livros, jornais e revistas? Eles têm o hábito de ler?**
Sim.
- 8. Cita o nome do livro de que mais lembras e conta por quê.**
Os três porquinhos e a Branca de Neve.
- 9. Teus professores indicam livros de história e livros de poemas para leres? De quais mais gostas?**
Sim. Do Mário Quintana.
- 10. Depois da leitura, que atividades são propostas pelos teus professores? De qual mais gostas?**
Fazer atividades e formar frases.
- 11. Tu percebes algum empenho por parte da escola para te fazer gostar dos livros? Por quê?**
Não.
- 12. Tu frequentas a biblioteca escolar? Frequentas alguma outra biblioteca?**
Sim e não.

13. Como é a biblioteca de tua escola?

Nunca tem livro para fazer os trabalhos.

14. A biblioteca de tua escola promove atividades de incentivo à leitura?

Quais?

Não.

15. Há livros em tua casa? Quais?

Não tenho.

16. Tu preferes um livro que fale sobre a realidade ou sobre fantasia? Por quê?

Fantasia. É mais divertido.

17. Se tu tivesses que comprar um livro agora, qual seria?

Mário Quintana.

18. Conta uma história de que gostes muito.

Os três porquinhos. Um construiu uma casa de madeira, o outro de palha e o mais velho de tijolo. E o Lobo Mau foi e assoprou e caiu todas as casas.